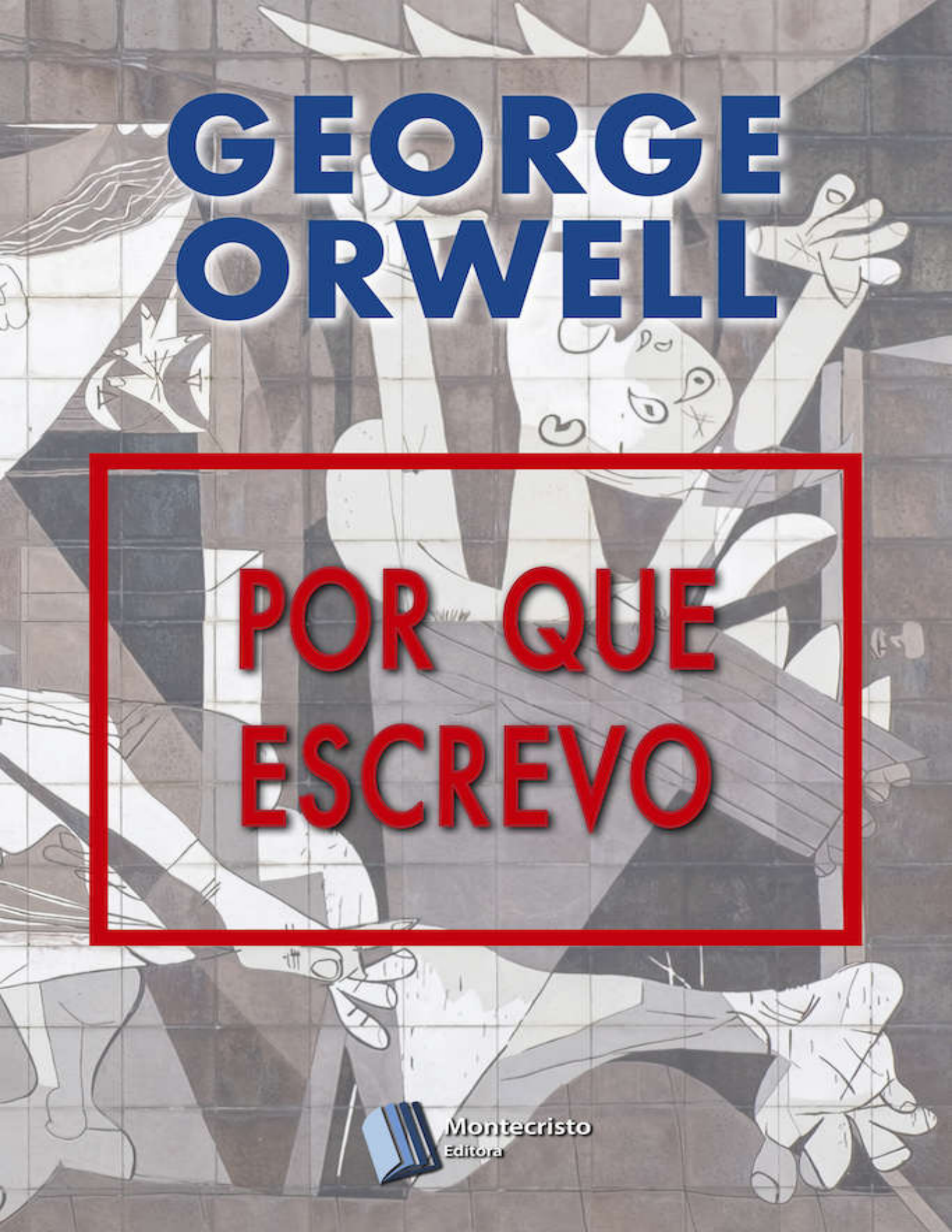




GEORGE ORWELL

POR QUE ESCREVO



Montecristo
Editora

GEORGE ORWELL

POR QUE ESCREVO

EM NOSSA ÉPOCA, NÃO EXISTE ALGO COMO
‘MANTER-SE FORA DA POLÍTICA’. TODAS AS
QUESTÕES SÃO QUESTÕES POLÍTICAS, E A
PRÓPRIA POLÍTICA É UMA MASSA DE
MENTIRAS, EVASIVAS, TOLICES, ÓDIO E
ESQUIZOFRENIA.

QUANDO A ATMOSFERA GERAL É RUIM, A
LINGUAGEM SOFRE.

Tradução e notas de
ALEXANDRE PIRES VIEIRA



Montecristo
Editora

©2021 Copyright Montecristo Editora - versão 24.02.2021

GEORGE ORWELL

POR QUE ESCREVO

Título Original

Why I write

Supervisão de Editoração/Capa

Montecristo Editora

Tradução

Alexandre Pires Vieira

Revisão

Renata Russo Blazek

Imagem da Capa

Montagem sobre Mural: "Guernica" de Picasso

ISBN:

978-1-61965-243-9 – Edição Digital

Montecristo Editora Ltda.

e-mail: editora@montecristoeditora.com.br



Montecristo
Editora

Louvor

“O maior escritor britânico desde 1945”, **The Times**

“A coragem e integridade de Orwell brilham em cada página”, **Daily Telegraph**

“Qualquer pessoa que queira entender o século XX terá sempre que ler Orwell”, **New York Review of Books**

“Um escritor que ainda é brilhantemente contemporâneo... Orwell disse a verdade”, **Christopher Hitchens**

“Um escritor que pode – e deve – ser redescoberto em cada época”, **Irish Times**

“O olhar incansável de Orwell foi muitas vezes devastadoramente perceptivo... um homem que olhou para seu mundo com admiração e escreveu exatamente o que viu, em prosa admirável”, **John Mortimer**

“O estilo de prosa inglesa mais claro e atraente deste século”, **John Carey, Sunday Times**

“Meu herói”, **Margaret Atwood**



Sobre o Autor

Eric Arthur Blair (1903-1950), mais conhecido por seu pseudônimo, **George Orwell**, nasceu na Índia, onde seu pai trabalhava para a Administração Pública. Autor, jornalista e ensaísta político, Orwell foi uma das figuras mais proeminentes e influentes da literatura do século vinte. Sua obra é marcada por uma inteligência perspicaz e bem-humorada, uma consciência profunda das injustiças sociais, uma intensa oposição ao totalitarismo e uma paixão pela clareza da escrita.

Sua singular alegoria política “A revolução dos bichos”, juntamente com a distopia “1984”, lhe rendeu fama mundial. A influência de Orwell na cultura contemporânea, tanto popular quanto política, perdura até hoje. Vários neologismos criados por ele, assim como o termo *orwelliano* — palavra usada para definir qualquer prática social autoritária ou totalitária — já fazem parte da cultura mundial.

George Orwell se propôs a “fazer da escrita política uma arte”, e em grande medida este objetivo moldou o futuro da literatura inglesa — suas descrições de regimes autoritários ajudaram a formar um novo vocabulário que é fundamental para a compreensão do totalitarismo.



Obras de Orwell publicadas pela Montecristo:

- Fascismo e Democracia
- Por que Escrevo

- [A Revolução dos Bichos](#)



SUMÁRIO

GEORGE ORWELL
POR QUE ESCREVO

[Louvor](#)

[Sobre o Autor](#)

[Por que Escrevo](#)

[A política e a língua inglesa](#)

[Política versus Literatura: uma análise de Viagens de Gulliver](#)

[Original em Inglês](#)

[Why I write](#)

[Politics and the english language](#)

[Politics vs. Literature: an examination of Gulliver's Travels](#)

[Bônus](#)

[I. Sobre aproveitar o tempo](#)

[LXVI. Sobre vários aspectos da virtude](#)



Por que Escrevo

Desde muito cedo, talvez com cinco ou seis anos, eu sabia que, quando crescesse, eu seria um escritor. Entre os dezessete e vinte e quatro anos tentei abandonar esta noção, mas o fiz com a consciência de que estava ultrajando minha verdadeira natureza e que mais cedo ou mais tarde deveria ter que me estabelecer e escrever livros.

Eu era o filho do meio de três, mas havia uma lacuna de cinco anos em ambos os lados, e eu mal via meu pai antes de ter oito anos. Por esta e outras razões, eu me sentia um pouco só, e logo desenvolvi maneirismos desagradáveis que me tornaram impopular durante meus tempos de escola. Eu tinha o hábito da criança solitária de inventar histórias e manter conversas com pessoas imaginárias, e acho que desde o início minhas ambições literárias estavam misturadas com a sensação de estar isolado e menosprezado. Eu sabia que tinha uma facilidade com palavras e um poder de enfrentar fatos desagradáveis e senti que escrever criava uma espécie de mundo privado, no qual eu podia dar as costas para meu fracasso na vida do dia-a-dia. No entanto, o volume de escritos sérios – ou seja, com intenção séria – que produzi durante toda a minha infância e adolescência, não chegaria a meia dúzia de páginas. Escrevi meu primeiro poema aos quatro ou cinco anos de idade, minha mãe tomando-o como ditado. Não me lembro de nada sobre ele, exceto que era sobre um tigre e o tigre tinha “dentes tipo cadeira” – uma frase boa o suficiente, mas eu gosto do poema como um plágio do “*Tigre, Tigre*” de Blake.¹ Aos onze anos, quando a guerra de 1914-18 eclodiu, escrevi um poema patriótico que foi impresso no jornal local, assim como outro, dois anos depois, sobre a morte de Kitchener.² De vez em quando, quando eu já era um pouco mais velho, eu escrevia “*poemas da natureza*” ruins e geralmente inacabados, ao estilo georgiano.³ Tentei também um pequeno conto que foi um fracasso terrível. Esse foi todo o trabalho sério que eu realmente coloquei no papel durante todos aqueles anos.

No entanto, durante todo este tempo, de certa forma, eu me dediquei a atividades literárias. Para começar, havia o “material por encomenda” que eu produzia rapidamente, facilmente e sem muito prazer para mim mesmo.

Além do trabalho escolar, escrevi *Vers D'occasion*,⁴ poemas semicômicos que pude produzir a uma velocidade que agora me parece espantosa – aos quatorze anos escrevi uma peça inteira de rimas, imitando Aristófanes,⁵ em cerca de uma semana – e ajudei a editar revistas escolares, tanto impressas como manuscritas. Estas revistas eram as coisas burlescas mais deploráveis que você poderia imaginar e eu tive muito menos problemas com elas do que teria agora com o jornalismo mais barato. Mas lado a lado com tudo isso, durante quinze anos ou mais, eu estava realizando um exercício literário bem diferente: fiz uma “estória” contínua sobre mim mesmo, uma espécie de diário existente apenas no pensamento. Acredito que este seja um hábito comum das crianças e adolescentes. Quando muito pequeno, eu costumava imaginar que eu era, digamos, Robin Hood, e me imaginava como o herói de aventuras emocionantes, mas logo minha “estória” deixou de ser narcisista de uma maneira grosseira e se tornou mais e mais uma mera descrição do que eu estava fazendo e das coisas que eu via. Várias vezes, me passava pela cabeça: “*Ele empurrou a porta e entrou na sala*”. Um feixe amarelo de luz solar, filtrado pelas das cortinas, incidia inclinado sobre a mesa, onde uma caixa de fósforos semiaberta pousava ao lado do tinteiro. Com a mão direita no bolso, ele se moveu para a janela. Na rua, um gato calicó perseguia uma folha seca, etc., etc. Este hábito continuou até os meus vinte e cinco anos de idade, mesmo durante meus anos não literários. Embora eu tivesse que procurar, e tenha procurado, pelas palavras certas, eu parecia estar fazendo este esforço descritivo quase contra minha vontade, sob uma espécie de compulsão externa. A “estória” deve, suponho, ter refletido os estilos dos vários escritores que eu admirava em idades diferentes, mas até onde me lembro sempre tinha a mesma qualidade descritiva meticulosa.

Quando eu tinha uns dezesseis anos, descobri de repente a alegria das meras palavras, ou seja, dos sons e associações de palavras. As linhas de Paraíso Perdido,⁶

Então ele, com dificuldade e trabalho duro

Seguiu em frente: com dificuldade e trabalho ele.

So hee with difficulty and labour hard

Moved on: with difficulty and labour hee.

que agora não me parecem tão maravilhosas, davam calafrios em minha espinha dorsal; e a grafia “*hee*” para “*he*”(ele) foi um prazer adicional. Quanto à necessidade de descrever as coisas, eu já sabia tudo sobre isso. Portanto, era claro que tipo de livros eu queria escrever, na medida em que

se podia dizer que eu queria escrever livros naquela época. Eu queria escrever enormes romances naturalistas com finais infelizes, cheios de descrições detalhadas e de similitudes, e também de passagens nas quais as palavras seriam usadas em parte por causa de seu próprio som. E de fato, meu primeiro romance completo, **Dias na Birmânia**⁷, que escrevi quando tinha trinta anos, mas projetado muito antes, é mais esse tipo de livro.

Dou toda esta informação contextual porque penso que não se pode avaliar os motivos de um escritor sem saber algo sobre o seu desenvolvimento inicial. O seu tema será determinado pela época em que vive – pelo menos isto é verdade em épocas tumultuosas e revolucionárias como a nossa – mas antes de começar a escrever, terá adquirido uma atitude emocional da qual nunca escapará completamente. O seu trabalho é, sem dúvida, disciplinar o seu temperamento e evitar ficar preso numa fase imatura, num estado de espírito perverso; mas se ele escapar completamente às suas primeiras influências, terá matado o seu impulso para escrever. Pondo de lado a necessidade de ganhar a vida, penso que há quatro grandes motivos para escrever, de qualquer modo para escrever em prosa. Eles existem em graus diferentes em cada escritor e, em um mesmo escritor, as proporções variam de tempos em tempos, de acordo com o ambiente em que está vivendo. Eles são:

(i) puro egoísmo. Desejo de parecer esperto, de ser falado, de ser recordado após a morte, de dar as costas para os adultos que o desprezaram na infância, etc., etc. É uma fraude fingir que isto não é um motivo, pois é um motivo forte. Os escritores partilham esta característica com cientistas, artistas, políticos, advogados, soldados, homens de negócios bem sucedidos – em suma, com toda a camada superior da humanidade. A grande massa de seres humanos não é muito egoísta. Após a idade de cerca de trinta anos, quase abandonam a sensação de serem indivíduos – e vivem sobretudo para os outros, ou são simplesmente sufocados sob o efeito de embriaguez. Mas há também uma minoria de pessoas dotadas e voluntariosas que estão determinadas a viver as suas próprias vidas até o fim, e os escritores pertencem a esta classe. Os escritores sérios, devo dizer, são em geral mais vaidosos e egocêntricos do que os jornalistas, embora menos interessados em dinheiro.

(ii) Entusiasmo estético. Percepção da beleza no mundo externo ou, por outro lado, em palavras e sua disposição correta. Prazer no impacto de um som sobre outro, na firmeza de uma boa prosa ou no ritmo de uma boa

história. Desejo de compartilhar uma experiência que se julga valiosa e que não deve ser perdida. O motivo estético é muito fraco em muitos escritores, mas mesmo um panfletário ou escritor de livros escolares terá palavras e frases “de estimação” que o atraem por razões não utilitárias; ou poderá ter uma forte sensibilidade pela tipografia, largura das margens, etc. Acima do nível de guia ferroviário, nenhum livro está completamente livre de considerações estéticas.

(iii) Impulso histórico. Desejo de ver as coisas como elas são, de descobrir fatos verdadeiros e armazená-los para o uso da posteridade.

(iv) Objetivo político. – Usar a palavra “político” no sentido mais amplo possível. Desejo de empurrar o mundo em uma determinada direção, de alterar a ideia de outros povos sobre o tipo de sociedade que eles deveriam se esforçar para se tornar. Mais uma vez, nenhum livro está genuinamente livre de viés político. A opinião de que a arte não deve ter nada a ver com política é, em si mesma, uma atitude política.

Pode-se ver como estes vários impulsos devem guerrear uns contra os outros e como devem variar de pessoa para pessoa e de tempos em tempos. Por natureza – tomando sua “natureza” como o estado que você atingiu quando é adulto pela primeira vez – eu sou uma pessoa na qual os três primeiros motivos superariam o quarto. Em uma era pacífica, eu poderia ter escrito livros ornamentados ou meramente descritivos e poderia ter permanecido quase inconsciente de minhas lealdades políticas. Como as coisas são, fui forçado a me tornar uma espécie de panfletário. Primeiro passei cinco anos em uma profissão inadequada (a Polícia Imperial Indiana, na Birmânia) e depois passei pela pobreza e pela sensação de fracasso. Isto aumentou meu ódio natural pela autoridade e me fez, pela primeira vez, ter plena consciência da existência das classes trabalhadoras, e o trabalho na Birmânia me deu alguma compreensão da natureza do imperialismo: mas estas experiências não foram suficientes para me dar uma orientação política precisa. Depois veio Hitler, a Guerra Civil Espanhola, etc. No final de 1935, eu ainda não havia conseguido chegar a uma decisão definitiva. Lembro-me de um pequeno poema que escrevi naquela data, expressando meu dilema:

*Um alegre vigário eu teria sido
Duzentos anos atrás
Para rezar contra a perdição eterna
E ver minha sabedoria um ás*

A happy vicar I might have been

*Two hundred years ago
To preach upon eternal doom
And watch my walnuts grow;*

*Mas nascido em tempo maligno
Eu perdi aqueles santuários
Porque bigode cresce em meu lábio
E os religiosos são todos celibatários.*

*But born, alas, in an evil time,
I missed that pleasant haven,
For the hair has grown on my upper lip
And the clergy are all clean-shaven.*

*E ainda mais tarde os tempos eram bons
Nós éramos tão fáceis de contentar
Nós colocávamos perturbações para dormir
E nos seios das árvores ficar.*

*And later still the times were good,
We were so easy to please,
We rocked our troubled thoughts to sleep
On the bosoms of the trees.*

*Todos os ignorantes, nos atrevemos a ter
As alegrias que nós representamos
Os verdilhões nos ramos da macieira
Poderiam fazer meus inimigos mancomanos.*

*All ignorant we dared to own
The joys we now dissemble;
The greenfinch on the apple bough
Could make my enemies tremble.*

*Mas ventres de meninas e damascos,
Cavalos, patos voando ao alvorecer
Peixes em um riacho sombreado,
Tudo isso era um sonho a crescer.*

*But girl's bellies and apricots,
Roach in a shaded stream,
Horses, ducks in flight at dawn,
All these are a dream.*

*É proibido sonhar novamente,
Nós mutilamos júbilos ou escondemo-los
Cavalos são feitos de aço cromo*

E homenzinhos gordos devem montá-los

*It is forbidden to dream again;
We maim our joys or hide them:
Horses are made of chromium steel
And little fat men shall ride them.*

*Eu sou o verme que nunca evoluiu,
O eunuco sem harém
Entre o padre e o comissário
Eu ando como Eugene Aram*8

*I am the worm who never turned,
The eunuch without a harem;
Between the priest and the commissar
I walk like Eugene Aram;*

*E o comissário está lendo minha sorte
Enquanto o rádio toca
Mas o padre prometeu a Austin Seven
Pois Duggie sempre paga.*9

*And the commissar is telling my fortune
While the radio plays,
But the priest has promised an Austin Seven,
For Duggie always pays.*

*Eu sonhei que morava em salões de mármore,
E acordei para descobrir ser real
Eu não nasci para uma época destas
E Smith? E Jones? E você? Que tal?*

*I dreamt I dwelt in marble halls,
And woke to find it true;
I wasn't born for an age like this;
Was Smith? Was Jones? Were you?*

A guerra civil espanhola e outros eventos em 1936-37 mudaram o balanço dos quatro motivos e, ao final, eu entendi exatamente em que ponto estava. Cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrático, como eu o entendo. Parece-me absurdo, em um período como o nosso, pensar que se pode evitar escrever sobre tais assuntos. Todos escrevem sobre eles de uma forma ou de outra. É simplesmente uma questão de qual lado se toma e de qual abordagem se segue. E quanto mais se está consciente de seu

preconceito político, mais chances se têm de agir politicamente sem sacrificar a integridade estética e intelectual.

O que eu mais quis fazer durante os últimos dez anos foi transformar a escrita política em uma arte. Meu ponto de partida é sempre um sentimento partidário, um sentimento de injustiça. Quando me sento para escrever um livro, não digo para mim mesmo: “*Vou produzir uma obra de arte*”. Escrevo-o porque há alguma mentira que quero expor, algum fato para o qual quero chamar a atenção, e minha preocupação inicial é conseguir uma audiência. Mas eu não poderia trabalhar escrevendo um livro, ou mesmo um longo artigo de revista, se não fosse também uma experiência estética. Qualquer um que se preocupar em examinar meu trabalho verá que mesmo quando se trata de propaganda descarada, ele contém muito que um político em tempo integral consideraria irrelevante. Eu não posso e não quero abandonar completamente a visão de mundo que adquiri na infância. Enquanto eu continuar vivo e bem, continuarei a insistir no estilo de prosa, a amar a superfície da terra e a ter prazer em objetos sólidos e migalhas de informações inúteis. Não adianta tentar reprimir esse meu lado. O trabalho é conciliar meus gostos e desgostos arraigados com as atividades essencialmente públicas e não individuais que esta época impõe a todos nós.

Não é fácil. Levanta problemas de construção e de linguagem, e levanta de uma nova forma o problema da veracidade. Deixe-me dar apenas um exemplo do tipo de dificuldade mais crua que se apresenta. Meu livro sobre a guerra civil espanhola, **Homenagem à Catalunha**¹⁰, é evidentemente um livro abertamente político, mas é essencialmente escrito com um certo desprendimento e respeito pela forma. Nele, eu me esforcei muito para dizer toda a verdade sem violar meus instintos literários. Mas entre outras coisas, ele contém um longo capítulo, cheio de citações de jornais e afins, defendendo os trotskistas que foram acusados de conspirar com Franco. É evidente que tal capítulo, que após um ou dois anos perderia o interesse de qualquer leitor comum, deve arruinar o livro. Um crítico que eu respeito, me leu uma palestra sobre o livro. “*Por que você colocou todas essas coisas*”, disse ele. “*Você transformou o que poderia ter sido um bom livro em jornalismo*”. O que ele disse era verdade, mas eu não poderia ter feito de outra forma. Acontece que eu sabia, o que muito poucas pessoas na Inglaterra tinham permissão para saber, que homens inocentes estavam sendo falsamente acusados. Se eu não estivesse inconformado com isso, nunca teria escrito o livro.

De uma forma ou de outra, este problema surge novamente. O problema da linguagem é mais sutil e levaria muito tempo para ser discutido. Direi apenas que, nos últimos anos, tentei escrever menos pictoricamente e de forma mais precisa. Em todo caso, acho que quando você aperfeiçoa qualquer estilo de escrita, você sempre a ultrapassa. **A Revolução dos Bichos**¹¹ foi o primeiro livro em que tentei, com plena consciência do que estava fazendo, fundir propósito político e propósito artístico em um todo. Não escrevo um romance há sete anos, mas espero escrever outro bastante em breve. Está fadado a ser um fracasso, todo livro é um fracasso, mas sei com alguma clareza que tipo de livro eu quero escrever.¹²

Olhando para trás, ao longo das últimas duas páginas, vejo que fiz com que parecesse que meus motivos para escrever fossem totalmente de inspiração pública. Não quero deixar isso como a impressão final. Todos os escritores são vaidosos, egoístas e preguiçosos, e no fundo de suas motivações há um mistério. Escrever um livro é uma luta terrível e exaustiva, como um longo período de doença dolorosa. Nunca se empreenderia tal coisa se não se fosse impelido por algum demônio a quem não se pode resistir nem compreender. Pois todos sabem que o demônio é simplesmente o mesmo instinto que faz com que um bebê chore por atenção. E no entanto, também é verdade que não se pode escrever nada que valha a pena ser lido, a menos que se lute constantemente para se apagar a própria personalidade. Uma boa prosa é como um vidro de janela. Não posso dizer com certeza quais dos meus motivos são os mais fortes, mas sei quais deles merecem ser seguidos. E olhando para trás, para todo meu trabalho, vejo que é invariavelmente onde me faltava um propósito político, que escrevi livros sem vida e fui traído em passagens púrpuras,¹³ frases sem sentido, adjetivos decorativos e charlatanice em geral.

Edição de verão de 1946 da revista Gangrel

A política e a língua inglesa

A maioria das pessoas que se preocupam com o assunto admitiria que a língua inglesa está em mau estado, mas geralmente assume-se que não podemos, por ação consciente, fazer nada a respeito. Nossa civilização é decadente, e nossa língua – assim o argumento corre – deve inevitavelmente participar do colapso geral. Segue-se que qualquer luta contra o abuso da linguagem é um arcaísmo sentimental, como preferir as velas à luz elétrica ou fiacres Hanson¹⁴ aos aviões. Por trás disso está a crença semiconsciente de que a linguagem representa um desenvolvimento natural e não um instrumento que nós moldamos aos nossos próprios propósitos.

Agora, é claro que o declínio de uma língua deve ter, em última instância, causas políticas e econômicas: não se deve simplesmente à má influência deste ou daquele escritor individual. Mas um efeito pode se tornar uma causa, reforçando a causa original e produzindo o mesmo efeito de forma intensificada, e assim por diante indefinidamente. Um homem pode se levar a beber porque se sente um fracasso, e depois falhar ainda mais completamente porque bebe. É a mesma coisa que está acontecendo com a língua inglesa. Torna-se feia e imprecisa porque nossos pensamentos são tolos, mas o descuido de nossa língua nos facilita ter pensamentos tolos. A questão é que o processo é reversível. O inglês moderno, especialmente o inglês escrito, está cheio de maus hábitos que se espalham por imitação e que podem ser evitados se alguém estiver disposto a se dar ao trabalho necessário. Se alguém se livrar destes hábitos pode pensar mais claramente, e pensar claramente é o primeiro passo necessário para a regeneração política: para que a luta contra o inglês ruim não seja frívola e não seja uma preocupação exclusiva dos escritores profissionais. Voltarei a isso em breve e espero que até lá o significado do que eu disse aqui tenha se tornado mais claro. Enquanto isso, aqui estão cinco amostras da língua inglesa, como é habitualmente escrita agora.

Estes cinco trechos não foram escolhidos por serem especialmente ruins — eu poderia citar coisas muito piores se quisesse —, mas porque ilustram vários dos vícios mentais de que padecemos hoje. Estão um pouco abaixo da

média, mas são exemplos bastante representativos. Vou numerá-los para que possa me referir a eles quando necessário.

1. Não estou certo, de fato, de que não é verdadeiro dizer que o Milton, que antigamente não parecia distinto de um Shelley do século dezessete, não se havia tornado, a partir de uma experiência sempre mais amarga a cada ano, mais alheio (sic) ao fundador daquela seita jesuíta que nada poderia induzi-lo a tolerar.

Professor Harold Laski (ensaio em Freedom of expression)

2. Acima de tudo, não podemos abusar^{is} de uma bateria nativa de expressões idiomáticas que prescreve colocações de vocábulos tão graves como o inglês básico “*put up with*” por “*tolerate*” [tolerar], ou “*put at loss*” por “*bewilder*”[desnortear].

Professor Lancelot Hogben (Interglossa)

3. De um lado temos a personalidade livre: por definição, ela não é neurótica, pois não tem conflito nem sonho. Seus desejos, tal como são, são transparentes, pois são apenas o que a aprovação institucional mantém no primeiro plano da consciência; outro padrão institucional alteraria sua quantidade e intensidade; há pouco neles que seja natural, irreduzível ou culturalmente perigoso. Mas, por outro lado, o vínculo social em si mesmo não passa do reflexo recíproco dessas integridades autoconfiantes. Lembrem a definição de amor. Não é esse o retrato exato de um acadêmico menor? Onde há um lugar nesse salão de espelhos para personalidade ou fraternidade?

Ensaio sobre psicologia em Politics (Nova York)

4. Todas as “melhores pessoas” dos clubes de *gentlemens* e todos os desvairados capitães fascistas, unidos no ódio comum ao socialismo e horror bestial da onda crescente do movimento de massa revolucionário, apelaram a atos de provocação, ao incendiarismo torpe, às lendas medievais de poços envenenados para convalidar a destruição das organizações proletárias e incitar a pequena burguesia comovida ao fervor chauvinista em nome da luta contra a saída revolucionária da crise.

Panfleto comunista

5. Se queremos realmente infundir um novo espírito neste antigo país, há uma reforma espinhosa e controversa que deve ser enfrentada, e essa é a da humanização e galvanização da BBC. Aqui, a timidez indicará câncer e atrofia da alma. O coração da Grã-Bretanha pode ser saudável e bater forte, por exemplo, mas o rugido da Grã-Bretanha no momento é como aquele de Bottom em *Sonho de uma noite de verão* de Shakespeare — tão suave quanto qualquer pombo novato. Uma nova Grã-Bretanha viril não pode continuar para sempre a ser traduzida aos olhos, ou antes, aos ouvidos do mundo pelos langores combalidos de Langham Place, impudentemente disfarçados de “inglês padrão”. Quando a voz da Grã-Bretanha é ouvida às nove horas, muito melhor e infinitamente menos ridículo seria ouvir agás honestamente pronunciados do que o atual zurro pedantesco, inflado, inibido, brejeiro, de escola elementar de donzelas que se vangloriam de mordidelas tímidas e sem culpa.

Carta em Tribune

Cada uma dessas passagens tem falhas próprias, mas, além da feiúra evitável, duas qualidades são comuns a todas elas. A primeira é a firmeza da imagem; a outra é a falta de precisão. O escritor ou tem um sentido objetivo e não pode expressá-lo, ou ele inadvertidamente diz outra coisa, ou ele é quase indiferente se suas palavras significam algo ou não. Esta mistura de imprecisão e pura incompetência é a característica mais marcante da prosa inglesa moderna, e especialmente de qualquer tipo de escrita política. Assim que certos tópicos são levantados, o concreto se funde no abstrato e ninguém parece ser capaz de pensar em expressões que não sejam vulgares: a prosa consiste cada vez menos de palavras escolhidas por causa de seu significado, e cada vez mais de frases combinadas como as seções de um galinheiro pré-fabricado. Abaixo, com notas e exemplos, listo vários dos truques por meio dos quais o trabalho de construção da prosa é habitualmente esquivado:

Metáforas agonizantes: Uma metáfora recém-inventada ajuda a pensar evocando uma imagem visual, enquanto por outro lado, uma metáfora que está tecnicamente “morta” (por exemplo, ‘Resolução Férrea’) voltou a ser uma palavra comum e geralmente pode ser usada sem perda de vitalidade. Mas entre estas duas classes há uma enorme lixeira de metáforas desgastadas que perderam todo o poder evocativo e são meramente usadas porque poupam às pessoas o trabalho de inventar frases para si mesmas. Exemplos disso são: ‘trocar seis por meia dúzia’, ‘assumir as dores de’, ‘entrar na

linha, *'tratar a pontapés'*, *'ficar ombro a ombro com'*, *'ser um brinquete nas mãos de'*, *'pisar nos calos de'*, *'misturar alhos com bugalhos'*, *'caiu na rede é peixe'*, *'pescar em águas turvas'*, *'maçã podre do cesto'*, *'na ordem do dia'*, *'calcanhar de Aquiles'*, *'canto do cisne'*, *'cama quente'*. Muitas dessas expressões são usadas sem conhecimento de seu sentido (o que são “bugalhos”, por exemplo?), e metáforas incompatíveis são misturadas com frequência, sinal certo de que o escritor não está interessado no que está dizendo. Algumas metáforas comuns atualmente tiveram seu sentido original deturpado sem que aqueles que as utilizam tivessem consciência disso. Por exemplo, *toe the line* [entrar na linha] às vezes é escrito *tow the line*. Outro exemplo é a expressão *'o martelo e a bigorna'*, agora usada sempre com a implicação de que a bigorna leva a pior. Na vida real, é sempre a bigorna que quebra o martelo, nunca o oposto; um escritor que parasse para pensar no que está dizendo saberia disso e evitaria deturpar a expressão original.

Operadores, ou muletas verbais: Estes poupam o trabalho de escolher os verbos e substantivos apropriados e, ao mesmo tempo, acolchoam cada frase com sílabas extras que lhe dão uma aparência de simetria. As frases características são: *'tornar inoperante'*, *'militar contra'*, *'mostrar-se inaceitável'*, *'fazer contato com'*, *'estar sujeito a'*, *'dar margem a'*, *'dar motivo para'*, *'ter o efeito de'*, *'desempenhar um papel central em'*, *'fazer-se sentir'*, *'entrar em vigor'*, *'exibir uma tendência a'*, *'servir ao propósito de'* etc. etc. A ideia é eliminar os verbos simples. Em vez de ser uma única palavra, como romper, parar, estragar, consertar, matar, o verbo se transforma numa locução, composta de um substantivo ou adjetivo anexado a alguns verbos de uso geral como mostrar-se, servir, formar, jogar, tornar. Além disso, sempre que possível dá-se preferência à voz passiva em detrimento da ativa e usam-se construções com substantivos em vez do gerúndio (*'pelo exame de'*, em vez de *'examinando'*). A gama de verbos é cortada ainda mais por meio das desinências -izar [ize] e de-, e declarações banais ganham ares de profundidade por meio do uso da fórmula não in – [un-]. Substituem-se simples conjunções e preposições por expressões como *'no que diz respeito a'*, *'levando em consideração'*, *'o fato de que'*, *'à força de'*, *'tendo em vista'*, *'no interesse de'*, *'na hipótese de que'*; e os finais das frases são salvos do anticlímax por lugares-comuns retumbantes como *'é de desejar-se muito'*, *'não se pode deixar de levar em conta'*, *'um desdobramento a ser esperado no futuro próximo'*, *'merecedor de séria consideração'*, *'levado a uma conclusão satisfatória'*, e assim por diante.

Dicção pretensiosa: Palavras como fenômeno, elemento, indivíduo (como substantivo), objetivo, categórico, efetivo, virtual, basal, principal, promover, constituir, estadear, explorar, empregar, eliminar, liquidar são usadas para enfeitar declarações simples e dar um ar de imparcialidade científica a juízos tendenciosos. Adjetivos como memorável, épico, histórico, inesquecível, triunfante, antiquíssimo, inevitável, inexorável, verdadeiro são usados para dignificar os processos sórdidos da política internacional, enquanto os textos cujos objetivos são glorificar a guerra, assumem geralmente cores arcaicas e suas palavras características são: reino, trono, carruagem, punho de ferro, tridente, espada, escudo, estandarte, clarim, tácio. Usam-se palavras e expressões estrangeiras como ‘*cul de sac*’, ‘*ancien régime*’, ‘*deus ex machina*’, ‘*mutatis mutandis*’, ‘*status quo*’, ‘*Gleichschaltung*’, ‘*Weltanschauung*’ para dar um ar de cultura e elegância. A não ser pelas abreviações úteis i.e., e.g. e etc., não há necessidade de nenhuma das centenas de expressões estrangeiras usadas atualmente em inglês. Os maus escritores e, em especial, os que escrevem sobre temas científicos, políticos e sociológicos são quase sempre perseguidos pela ideia de que palavras gregas ou latinas são mais ilustres do que as saxônicas, e palavras desnecessárias como ‘*expedite*’, ‘*ameliorate*’, ‘*predict*’, ‘*extraneous*’, ‘*deracinated*’, ‘*clandestine*’, ‘*sub-aqueous*’ e centenas de outras, ganham constantemente o terreno de suas oponentes anglo-saxônicas.¹⁶ O jargão peculiar dos textos marxistas (hiena, carrasco, canibal, pequeno-burguês, essa pequena nobreza, lacaios, cão raivoso, Guarda Branca¹⁷ etc.) consiste, em grande medida, em palavras e expressões traduzidas do russo, alemão ou francês, mas a maneira normal de cunhar uma palavra nova é usar a raiz latina ou grega com o afixo apropriado e, quando necessário, a formação -izar. Com frequência, é mais fácil criar palavras desse tipo (‘*desregionalizar*’, ‘*impermissível*’, ‘*extramarital*’, ‘*não fragmentário*’¹⁸ e assim por diante) do que lembrar as palavras inglesas que transmitem o sentido desejado. O resultado, em geral, é um aumento do desleixo e da imprecisão.

Palavras sem sentido: Em certos tipos de escrita, particularmente na crítica de arte e na crítica literária, é normal encontrar longas passagens que são quase completamente desprovidas de significado.¹⁹ Palavras como romântico, plástico, valores, humano, morto, sentimental, natural, vitalidade, tal como usadas na crítica de arte, não dizem rigorosamente nada, no sentido de que não apenas não apontam para nenhum objeto determinável, como

difícilmente o leitor espera isso delas. Quando um crítico escreve que “*a característica marcante da obra do sr. X é sua natureza estimulante [living]*”, enquanto outro escreve que “*o fato imediatamente notável na obra do sr. X é sua peculiar apatia [deadness]*”, o leitor aceita isso como uma simples diferença de opinião. Se palavras como branco e preto estivessem envolvidas, em vez dos jargões *dead* e *living*, ele veria de imediato que a língua está sendo usada de maneira imprópria. Muitas palavras políticas sofrem abusos análogos. A palavra fascismo perdeu seu sentido, exceto na medida em que significa “*alguma coisa não desejável*”. As palavras democracia, socialismo, liberdade, patriótico, realista, justiça têm cada uma delas vários sentidos diferentes que não podem ser conciliados uns com os outros. No caso de uma palavra como democracia, além de não existir uma definição com que todos concordem, a tentativa de criá-la sofre resistência de todos os lados. É um sentimento quase universal: quando dizemos que um país é democrático, nós o estamos elogiando; em consequência, os defensores de todo tipo de regime alegam que ele é democrático e temem que tenham de deixar de usar a palavra se esta for atrelada a algum significado. As palavras desse tipo são muitas vezes usadas de maneira conscientemente desonesta. Ou seja, a pessoa que as utiliza tem sua própria definição particular, mas permite que o ouvinte pense que ela quer dizer algo bem distinto. Declarações como ‘*o marechal Pétain foi um verdadeiro patriota*’, ‘*a imprensa soviética é a mais livre do mundo*’, ‘*a Igreja Católica se opõe à perseguição*’ são quase sempre feitas com a intenção de enganar. Outras palavras usadas com sentidos variáveis, na maioria dos casos de forma mais ou menos desonesta, são: classe, totalitário, ciência, progressista, reacionário, burguês, igualdade.

Agora que fiz esse catálogo de fraudes e perversões, darei outro exemplo do tipo de texto a que elas levam. Dessa vez, deve ser um exemplo de natureza literária. Vou traduzir um trecho escrito em bom inglês para o inglês moderno do pior tipo. Eis um verso muito conhecido do Eclesiastes:²⁰

“Voltei-me e vi debaixo do sol que não é dos ligeiros, a carreira, nem dos valentes, a peleja, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes o favor, mas que o tempo e a sorte pertencem a todos.”

Eis o mesmo trecho em inglês moderno:

“A consideração objetiva dos fenômenos contemporâneos obriga a concluir que o sucesso ou o fracasso nas atividades competitivas

não tem a tendência de ser proporcional à capacidade inata, mas que um elemento considerável do imprevisível deve ser invariavelmente levado em conta.”

Trata-se de uma paródia, mas não muito grosseira. O exemplo 3 citado no início, por exemplo, contém vários trechos desse tipo de inglês. Vê-se que não fiz uma tradução completa. O começo e o fim da frase seguem o sentido original bem de perto, mas, no meio, as ilustrações concretas — corrida, guerra, pão — se dissolvem na frase vaga “*o sucesso ou o fracasso em atividades competitivas*”. Tinha de ser assim, porque nenhum escritor moderno do tipo que estou discutindo — ninguém capaz de usar frases como “*consideração objetiva dos fenômenos contemporâneos*” — jamais tabularia seus pensamentos daquela forma precisa e detalhada. Toda a tendência da prosa moderna é se afastar da realidade. Agora, analisemos essas duas frases um pouco mais de perto. Em inglês, a primeira contém 49 palavras, mas somente sessenta sílabas, e todas as suas palavras são da vida cotidiana. A segunda contém 38 palavras de noventa sílabas, dezoito das quais têm raiz latina e uma, grega. A primeira frase contém seis imagens vívidas e somente uma expressão (“*o tempo e a sorte*”) que poderia ser chamada de vaga. A segunda não contém uma única expressão fresca, chamativa, e apesar de suas noventa sílabas, dá apenas uma versão resumida do significado contido na primeira. Contudo, é sem dúvida o segundo tipo de frase que está ganhando terreno no inglês moderno. Não quero exagerar. Esse tipo de escrita ainda não é universal e afloramentos de simplicidade ocorrerão aqui e ali na pior página publicada. Ainda assim, se mandassem você ou a mim escrever algumas linhas sobre a incerteza da sorte humana, chegaríamos provavelmente muito mais perto de minha frase imaginária que da frase do Eclesiastes.

Como tentei mostrar, a escrita moderna, em seu pior aspecto, não consiste em escolher palavras por seu sentido e inventar imagens para tornar o sentido mais claro. Consiste em juntar longas tiras de palavras que já foram postas em ordem por outra pessoa e tornar os resultados apresentáveis por pura mistificação. A atração desse tipo de texto está em sua facilidade. É mais fácil — e até mais rápido, uma vez adquirido o hábito — dizer ‘*em minha opinião, não é uma suposição injustificável*’ do que dizer ‘*penso que*’. Se você usa expressões prontas, além de não precisar procurar palavras, não tem de se preocupar com o ritmo de suas frases, uma vez que essas expressões são geralmente organizadas de modo a ser mais ou menos

eufônicas. Quando se está escrevendo com pressa — ditando para uma estenógrafa, por exemplo, ou fazendo um discurso público —, é natural cair num estilo latinizado pretensioso. Chavões como *‘uma consideração que deveríamos ter em mente’* ou *‘uma conclusão com a qual todos concordaríamos’* facilmente salvarão muitas frases de acabar abruptamente. Ao usar metáforas, símiles e expressões idiomáticas cediças, economiza-se muito esforço mental, ao custo de deixar o sentido vago, não somente para o leitor, mas para o próprio autor. Esse é o significado das metáforas misturadas. O único objetivo de uma metáfora é evocar uma imagem. Quando essas imagens entram em conflito — como em *‘o polvo fascista teve seu canto de cisne’*, *‘o tacho cai sobre o cadinho’* —, pode-se ter certeza de que o escritor não está visualizando uma imagem mental dos objetos que está nomeando; em outras palavras, não está pensando. Observemos de novo os exemplos que dei no início deste ensaio. O professor Laski (1) usa cinco negativas em 53 palavras. Uma delas é supérflua, deixando sem sentido todo o trecho, e, além disso, há o deslize de escrever *alien* [alheio] em vez *deakin* [afim], tornando a coisa ainda mais absurda, e várias expressões canhestras que aumentam a imprecisão geral. O professor Hogben (2) abusa de uma bateria que é capaz de escrever receitas e, ao mesmo tempo que desaprova a expressão cotidiana *put up with*, não está disposto a procurar *egregious*²¹ no dicionário e ver o que significa. Quanto ao exemplo (3), se tomarmos uma atitude não samaritana, ele simplesmente não faz sentido; é provável que conseguíssemos descobrir seu pretenso significado lendo o artigo inteiro em que aparece. Em (4), o escritor sabe mais ou menos o que quer dizer, mas uma acumulação de expressões batidas o sufoca como folhas de chá entupindo um ralo de pia. Em (5), palavras e significados quase entram em colisão. Os indivíduos que escrevem dessa maneira costumam ter um sentimento emocional geral — não gostam de uma coisa e querem expressar solidariedade com outra —, mas não estão interessados nos detalhes do que estão dizendo. Um escritor escrupuloso, em cada frase que escreve, fará a si mesmo ao menos quatro perguntas: o que estou tentando dizer? Que palavras o expressarão? Que imagem ou expressão idiomática o deixará mais claro? Seria essa imagem estimulante o bastante para causar um efeito? E faria provavelmente outras duas perguntas para si mesmo: consigo dizer isso de maneira mais curta? Eu disse alguma coisa que seja inevitavelmente feia? Mas você não é obrigado a passar por tudo isso. Para evitá-lo, basta abrir sua cabeça e deixar que as expressões prontas a preencham. Elas construirão as

frases para você — de certa maneira, pensarão por você — e quando necessário, executarão o importante serviço de esconder parcialmente seu significado até de você mesmo. É nesse ponto que a conexão característica entre a política e a degradação da língua fica óbvia.

Em nossa época é amplamente verdade que a escrita política é má escrita. Onde não é verdade, geralmente se descobrirá que o escritor é algum tipo de rebelde, expressando suas opiniões privadas e não uma “linha partidária”. A ortodoxia, de qualquer cor, parece exigir um estilo sem vida e imitativo. Os dialetos políticos a serem encontrados em panfletos, artigos de fundo, manifestos e discursos de subsecretários variam, é claro, de partido para partido, mas são todos iguais, pois quase nunca se encontra neles uma reviravolta caseira, vívida e fresca de discurso. Quando observamos algum político de segunda na tribuna repetindo de modo mecânico os chavões familiares — atrocidades bíblicas, tacão de ferro, tirania manchada de sangue, povos livres do mundo, ficar de pé ombro a ombro — uma pessoa frequentemente tem a curiosa sensação de que não está assistindo a um ser humano vivo, mas a algum tipo de boneco: uma sensação que, de repente, se torna mais forte nos momentos em que a luz captura os óculos do orador e os transforma em discos em branco que parecem não ter olhos por trás deles. E isto não é totalmente imaginativo. Um orador que usa esse tipo de fraseologia percorreu uma certa distância para se transformar em uma máquina. Os ruídos apropriados estão saindo de sua laringe, mas seu cérebro não está envolvido como seria se ele estivesse escolhendo suas palavras por si mesmo. Se o discurso que ele está fazendo é um discurso que ele está acostumado a fazer repetidas vezes, ele pode estar quase inconsciente do que está dizendo, como acontece quando alguém pronuncia as respostas na igreja. E este estado reduzido de consciência, se não indispensável, é de qualquer forma favorável à conformidade política.

Em nosso tempo, o discurso político e a escrita são em grande parte a defesa do indefensável. Coisas como a continuação do domínio britânico na Índia, as purgas e deportações russas, o lançamento das bombas atômicas sobre o Japão, podem de fato ser defendidos, mas somente por argumentos que são brutais demais para a maioria das pessoas enfrentarem e que não condizem com os professos objetivos dos partidos políticos. Assim, a linguagem política tem que consistir em grande parte em eufemismo, questionamento e pura nebulosidade. As aldeias indefesas são bombardeadas por ar, os habitantes expulsos para o campo, o gado metralhado, as cabanas

incendiadas com bombas incendiárias: isto é chamado de pacificação. Milhões de camponeses são expulsos de suas fazendas e mandados para as estradas apenas com o que podem carregar: isto se chama transferência de população ou retificação de fronteiras. As pessoas são presas durante anos sem julgamento ou fuziladas na nuca ou enviadas para morrer de escorbuto em campos de extração de madeira no Ártico: isto é chamado de eliminação de elementos não confiáveis. Tal fraseologia é necessária quando se quer nomear as coisas sem chamar imagens mentais das mesmas. Considere, por exemplo, algum professor de inglês confortável em defender o totalitarismo russo. Ele não pode dizer, sem rodeios: “*Eu acho certo matar nossos oponentes quando se podem obter bons resultados com isso*”. Portanto, provavelmente, ele dirá algo como:

Embora admitindo livremente que o regime soviético exibe certas características que o humanitário pode estar inclinado a deplorar, devemos, creio, concordar que um certo cerceamento do direito à oposição política é um concomitante inevitável de períodos de transição, e que os rigores que o povo russo foi chamado a sofrer foram amplamente justificados na esfera da realização concreta.

O estilo inflado é, em si mesmo, uma espécie de eufemismo. Uma massa de palavras em latim cai sobre os fatos como neve suave, esborratando os contornos e cobrindo todos os detalhes. O grande inimigo da linguagem clara é a falsidade. Quando há uma lacuna entre os objetivos reais e declarados, a pessoa se volta, como que instintivamente, para palavras longas e expressões idiomáticas esgotadas, como um molusco esguichando tinta. **Em nossa época, não existe algo como “manter-se fora da política”. Todas as questões são questões políticas, e a própria política é uma massa de mentiras, evasivas, tolices, ódio e esquizofrenia. Quando a atmosfera geral é ruim, a linguagem sofre.** Eu tenderia a acreditar – este é um palpite que não tenho conhecimento suficiente para verificar – que as línguas alemã, russa e italiana se deterioraram nos últimos dez ou quinze anos como resultado da ditadura.

Mas, se o pensamento corrompe a linguagem, a linguagem também pode corromper o pensamento. Um mau uso pode se disseminar por tradição e imitação, até mesmo entre pessoas que deveriam saber melhor, e sabem. A linguagem desmoralizada que venho discutindo é, de certa forma, muito conveniente. Expressões como ‘*um pressuposto não injustificável*’, ‘*deixa muito a desejar*’, ‘*não serviria a nenhum bom propósito*’, ‘*uma*

consideração que não deveríamos esquecer’ são uma tentação contínua, uma cartela de analgésicos sempre à mão. Releia este ensaio e, com certeza, você verá que repeti os mesmos erros contra os quais estou bradando. Hoje de manhã recebi pelo correio um panfleto que trata das condições de vida na Alemanha. O autor me conta que “*se sentiu impelido*” a escrevê-lo. Abro-o ao acaso e eis que praticamente a primeira frase que vejo é esta: “[*Os aliados*] *têm uma oportunidade de não somente realizar uma transformação radical da estrutura social e política da Alemanha, de modo a evitar uma reação nacionalista na própria Alemanha, como, ao mesmo tempo, de lançar os alicerces de uma Europa cooperativa e unificada*”. Veja, ele “se sente impelido” a escrever — acha pelo jeito que tem algo novo a dizer —, mas suas palavras, como cavalos do exército respondendo ao toque da corneta, se agrupam automaticamente no monótono padrão familiar. Essa invasão de nossa mente por expressões pré-fabricadas (lançar os alicerces, realizar uma transformação radical) só pode ser evitada se estivermos firmemente em guarda contra elas, pois cada expressão dessas, anestesia uma parte de nosso cérebro.

Eu disse anteriormente que a decadência de nossa linguagem é provavelmente curável. Aqueles que negam isto argumentariam, se produzissem um argumento, que a linguagem reflete meramente as condições sociais existentes, e que não podemos influenciar seu desenvolvimento por meio de qualquer ajuste direto de palavras e construções. Quanto ao tom ou espírito geral de uma língua, isto pode ser verdade, mas não é verdade em seus detalhes. Palavras e expressões tolas muitas vezes desapareceram, não através de qualquer processo evolutivo, mas devido à ação consciente de uma minoria. Dois exemplos recentes são “*explorar todas as possibilidades*” e “*mover céus e terras*”, que foram mortos pela zombaria de alguns jornalistas. Há uma longa lista de metáforas que poderiam ser eliminadas se um número suficiente de pessoas se interessasse pelo trabalho; e também deveria ser possível liquidar com o riso a expressão “*não in-*”,²² para reduzir a quantidade de latim ou grego na frase média, banir as locuções estrangeiras e palavras científicas extraviadas e, em geral, tirar a afetação da moda. Mas tudo isso são coisas menores. A defesa da língua inglesa implica mais do que isso e talvez seja melhor começar dizendo o que ela não implica.

Para começo de conversa, ela não tem nada a ver com arcaísmo, com o resgate de palavras e fraseados obsoletos, ou com o estabelecimento de um

“inglês padrão”, do qual nunca deveríamos nos afastar. Ao contrário, diz respeito especialmente a jogar no lixo todas as palavras e expressões que esgotaram sua utilidade. Não tem nada a ver com gramática e sintaxe corretas, que não têm importância desde que deixemos claro o sentido do que queremos dizer, ou com evitar americanismos ou com apresentar o que se chama de “bom estilo de prosa”. Por outro lado, não diz respeito à falsa naturalidade e à tentativa de tornar o inglês escrito, coloquial. Tampouco implica preferir sempre palavras saxônicas às latinas, embora implique em usar menos palavras e palavras mais curtas que transmitam o mesmo sentido. O que precisamos, especialmente, é deixar que o sentido escolha a palavra, e não o contrário. Na prosa, a pior coisa que podemos fazer com as palavras é render-nos a elas. Quando pensamos em um objeto concreto, pensamos sem palavras e depois, se quisermos descrevê-lo, provavelmente saímos em busca das palavras exatas que pareçam dar conta do recado. Quando pensamos em algo abstrato, estamos mais inclinados a usar palavras desde o começo, e se não fizermos um esforço consciente para evitá-lo, o jargão existente virá correndo e fará o serviço por nós, à custa de ofuscar ou mesmo mudar nosso significado. É provavelmente melhor adiar o uso de palavras pelo máximo tempo possível e deixar claro o que queremos dizer, na medida do possível, por meio de imagens e sensações. Depois, podemos escolher — não apenas aceitar — as expressões que melhor darão conta do sentido, e então trocar de lado e verificar que impressão nossas palavras podem provocar em outra pessoa. Esse último esforço mental extingue todas as imagens gastas ou confusas, todas as expressões pré-fabricadas, as repetições inúteis e as mistificações e imprecisões em geral. Mas muitas vezes podemos ter dúvidas sobre o efeito de uma palavra ou expressão, e precisamos de regras em que possamos confiar quando o instinto falha. Penso que as regras seguintes cobrem a maioria dos casos:

- (i) Nunca use uma metáfora, um símile ou outra figura de linguagem que você esteja acostumado a ver na mídia impressa.
- (ii) Nunca use uma palavra longa quando uma palavra curta for suficiente.
- (iii) Se for possível cortar uma palavra, corte-a. Sempre.
- (iv) Nunca use a voz passiva quando puder usar a ativa.
- (v) Nunca use uma frase estrangeira, uma palavra científica ou um jargão se você puder pensar em um equivalente em inglês do dia-a-dia.

(vi) Quebre qualquer uma destas regras antes de dizer qualquer coisa bárbara.

Estas regras parecem elementares, e assim são, mas exigem uma profunda mudança de atitude em qualquer pessoa que tenha se acostumado a escrever no estilo agora em moda. Poderíamos seguir todas elas e ainda escrever mal em inglês, mas não poderíamos escrever o tipo de coisa que citei nestes cinco exemplos no início deste artigo.

Não tenho considerado aqui o uso literário da linguagem, mas apenas a linguagem como um instrumento para expressar e não para ocultar ou impedir o pensamento. Stuart Chase e outros chegaram perto de afirmar que todas as palavras abstratas são sem sentido e usaram isso como pretexto para defender um tipo de inércia política. Já que você não sabe o que é o Fascismo, como você pode lutar contra o Fascismo? Não é preciso engolir absurdos como este, mas é preciso reconhecer que o caos político atual está ligado à decadência da linguagem, e que provavelmente é possível trazer alguma melhoria começando pelo aspecto linguístico. Se você simplificar seu inglês, estará livre das piores loucuras da ortodoxia. Você não precisa falar nenhum dos dialetos necessários, e quando você faz uma observação estúpida, sua estupidez será óbvia, mesmo para você. A linguagem política – e com variações isto é verdade para todos os partidos políticos, desde os conservadores até os anarquistas – é projetada para fazer com que as mentiras soem verdadeiras e assassinatos sejam dignos, e para dar uma aparência de solidez ao puro vento.

Não se pode mudar tudo isso em um momento, mas pode-se pelo menos mudar os próprios hábitos e, de tempos em tempos, pode-se até mesmo, se se zombar alto o suficiente, mandar algumas frases desgastadas e inúteis – algum ‘*tacão*’, ‘*calcanhar de Aquiles*’, ‘*caldeirão de fusão*’, ‘*prova dos nove*’, ‘*verdadeiro inferno*’ ou outro pedaço de refugo verbal – para a lata de lixo a que ele pertence.

Payments Book, 11 de outubro de 1945; Horizon, abril de 1946

Política versus Literatura: uma análise de Viagens de Gulliver

Em Viagens de Gulliver, a humanidade é atacada, ou criticada, por pelo menos três ângulos diferentes, e o caráter implícito do próprio Gulliver necessariamente muda um pouco no processo. Na Parte I ele é o viajante típico do século XVIII, ousado, prático e pouco romântico, sua visão caseira habilmente moldada ao leitor pelos detalhes biográficos no início, por sua idade (ele é um homem de quarenta anos, com dois filhos, quando suas aventuras começam), e pelo inventário das coisas em seus bolsos, especialmente seus óculos, que fazem várias aparições. Na Parte II ele apresenta em geral o mesmo caráter, mas nos momentos em que a história o exige ele tem a tendência de se tornar um imbecil capaz de se vangloriar de “nosso nobre país, a Senhora das Artes e Armas, o flagelo da França”, etc., etc., e ao mesmo tempo de denunciar todos os fatos escandalosos disponíveis sobre o país que ele professa amar. Na Parte III ele está como estava na Parte I, no entanto, como ele se conjuga principalmente com cortesãos e homens de estudo, tem-se a impressão de que ele se elevou na escala social. Na Parte IV ele concebe um horror da raça humana que nos livros anteriores não é aparente, ou apenas intermitentemente aparente, e se transforma em uma espécie de anacoreta não religioso, cujo único desejo é viver em algum lugar desolado onde ele possa se dedicar a meditar sobre a bondade dos *Houyhnhms*. Entretanto, estas inconsistências são forçadas a Swift pelo fato de que Gulliver está lá principalmente para fornecer um contraste. É necessário, por exemplo, que ele pareça sensato na Parte I e pelo menos intermitentemente tolo na Parte II, porque em ambos os livros a manobra essencial é a mesma, ou seja, fazer o ser humano parecer ridículo ao imaginá-lo como uma criatura de quinze centímetros de altura. Sempre que Gulliver não está agindo como coadjuvante, há uma espécie de continuidade em seu caráter, que se manifesta especialmente em sua desenvoltura e sua observação dos detalhes físicos. Ele é o mesmo tipo de pessoa, com o mesmo estilo de prosa, quando carrega os navios de guerra de *Blefuscu*, quando rasga a barriga do monstruoso rato e quando navega sobre o oceano

em seu frágil barquinho feito a partir das peles de *Yahoos*. Além disso, é difícil não sentir que em seus momentos mais astutos Gulliver é simplesmente o próprio Swift, e há pelo menos um incidente no qual Swift parece estar desabafando seu ressentimento privado contra a Sociedade contemporânea. Será lembrado que quando o palácio do Imperador de *Lilliput* se incendeia, Gulliver apaga o fogo, urinando sobre ele. Em vez de ser parabenizado por sua presença de espírito, ele descobre que cometeu uma ofensa capital ao urinar no recinto do palácio, e

afiançaram-me confidencialmente que a imperatriz, concebendo a maior repulsa ao que eu fizera, mudou-se para a ala mais distante da corte, firmemente resolvida a que aqueles prédios jamais fossem restaurados para uso próprio; e, na presença dos principais confidentes, não se absteve de jurar vingança.

De acordo com o professor G. M. Trevelyan (*England under Queen Anne*) [A Inglaterra no reinado da rainha Ana], parte do motivo pelo qual Swift não conseguiu um cargo honorífico, foi a rainha ter se escandalizado com *A tale of a tub* [História de uma banheira]²³ – um panfleto com o qual Swift provavelmente acreditou ter prestado um grande serviço à Coroa inglesa, uma vez que nele atormenta os Dissidentes,²⁴ e ainda mais os Católicos, ao mesmo tempo que poupa a Igreja Anglicana. Em qualquer caso, ninguém negaria que Viagens de Gulliver é um livro rancoroso e pessimista e que, especialmente nas Partes I e III, muitas vezes desce ao partidarismo político de um tipo estreito. A mesquinhez e a magnanimidade, o republicanismo e o autoritarismo, o amor à razão e a falta de curiosidade, estão todos misturados nele. O ódio ao corpo humano ao qual Swift está especialmente associado só é dominante na Parte IV, mas de alguma forma esta nova preocupação não é uma surpresa. Sente-se que todas estas aventuras e todas estas mudanças de humor, poderiam ter acontecido com a mesma pessoa, e a interconexão entre a lealdade política de Swift e seu desespero final é uma das características mais interessantes do livro.

Politicamente, Swift foi uma daquelas pessoas que são levadas a uma espécie de conservadorismo perverso pelas loucuras do grupo progressista do momento. A Parte I de Viagens de Gulliver, ostensivamente uma sátira sobre a grandeza humana, pode ser vista, se olharmos um pouco mais profundamente, como um simples ataque à Inglaterra, ao dominante Partido Whig,²⁵ e à guerra com a França, que – por piores que tenham sido os motivos dos Aliados – salvou a Europa de ser tiranizada por um único poder

reacionário. Swift não foi um Jacobita nem um conservador e seu objetivo declarado na guerra foi apenas um tratado de paz moderado e não a derrota total da Inglaterra. No entanto, há um matiz de colaboracionismo em sua atitude, que surge no final da Parte I e interfere ligeiramente na alegoria. Quando Gulliver foge de *Lilliput* (Inglaterra) para *Blefuscu* (França), a suposição de que um ser humano com quinze centímetros de altura é inerentemente desprezível, parece ter sido descartada. Enquanto o povo de *Lilliput* se tratou Gulliver com a maior deslealdade e mesquinhez, os de *Blefuscu* se comportam de forma generosa e direta, e de fato esta seção do livro termina com uma nota diferente da desilusão geral dos capítulos anteriores. Evidentemente, o animus de Swift é, em primeiro lugar, contra a Inglaterra. São “seus nativos” (ou seja, os compatriotas de Gulliver) que o Rei de *Brobdingnag* considera “*a mais perniciosa raça de pequenos vermes odiosos que a Natureza já sofreu para colocar sobre a superfície da Terra*”, e a longa passagem no final, denunciando a colonização e a conquista estrangeira, é claramente dirigida à Inglaterra, embora o contrário seja afirmado de forma elaborada. Os holandeses, aliados da Inglaterra e alvo de um dos panfletos mais famosos de Swift, também são atacados de forma mais ou menos arbitrária na Parte III. Há até o que soa como uma nota pessoal na passagem em que Gulliver registra sua satisfação de que os vários países que descobriu não podem ser feitos colônias da Coroa Britânica:

Os houyhnhnms, de fato, não parecem estar tão bem preparados para a guerra, uma ciência que desconhecem completamente, e sobretudo contra armas missivas. No entanto, supondo que se eu fosse vice-ministro, jamais lhes poderia ter advertido por invadi-los... Imagine vinte mil deles irrompendo num exército europeu, tumultuando as tropas, tombando as carretas, reduzindo o rosto dos combatentes a polpa com terríveis golpes dos cascos traseiros...

Considerando que Swift não desperdiça palavras, essa frase, “reduzindo o rosto dos combatentes a polpa”, provavelmente indica um desejo secreto de ver os exércitos invencíveis do Duque de Marlborough tratados de maneira semelhante. Há retoques semelhantes em outros lugares. Até mesmo o país mencionado na Parte III, onde “*o grosso do povo consiste, de certa forma, totalmente de Descobridores, Testemunhas, Informadores, Acusadores, Procuradores, Depoentes, Jurados, juntamente com seus vários instrumentos subservientes e subalternos, todos sob as Cores, a Conduta e o*

Pagamento dos Ministros de Estado”, é chamado de Langdon, que pela falta de uma letra não forma um anagrama de Inglaterra [England]. (Como as primeiras edições do livro contêm impressões errôneas, ele talvez tenha sido concebido como um anagrama completo). A repulsa física de Swift pela humanidade é certamente real o suficiente, mas tem-se a sensação de que seu desmascaramento da grandeza humana, suas diatribes contra senhores, políticos, favoritos da corte, etc., tem principalmente uma aplicação local e surge do fato de que ele pertencia à parte fracassada. Ele denuncia a injustiça e a opressão, mas não dá provas de gostar da democracia. Apesar de seus poderes enormemente maiores, sua posição implícita é muito semelhante à dos inúmeros conservadores espertalhões de nossos dias — pessoas como Sir Alan Herbert, Professor G. M. Young, Lord Elton, o Comitê de Reforma Tory ou a longa linha de apologistas católicos de W. H. Mallock em diante: pessoas que se especializam em contar piadas limpas às custas do que quer que seja “moderno” e “progressista”, e cujas opiniões muitas vezes são ainda mais extremas porque sabem que não podem influenciar a verdadeira corrente de acontecimentos. Assim, um panfleto como um argumento para provar que a abolição do cristianismo, é como o “Timothy Shy” se divertindo um pouco com o *Brains Trust*,²⁶ ou o Padre Ronald Knox expondo os erros de Bertrand Russell. E a facilidade com que Swift foi perdoado — e perdoado, às vezes, por crentes devotos — pelas blasfêmias de *A Tale Of A Tub*, demonstra claramente o quanto os sentimentos religiosos são dignos de nota, em comparação com os sentimentos políticos.

Entretanto, o elenco reacionário de Swift não se mostra essencialmente em suas filiações políticas. O importante é sua atitude em relação à Ciência e, mais amplamente, em relação à curiosidade intelectual. A famosa Academia de Lagado, descrita na Parte III de Viagens de Gulliver, é sem dúvida uma sátira fundamentada na maioria dos chamados cientistas do próprio tempo de Swift. Significativamente, as pessoas que trabalham nela são descritas como “Projetores”, ou seja, pessoas não engajadas em pesquisas desinteressadas, mas meramente em busca de engenhocas que economizem mão-de-obra e tragam dinheiro. Mas não há nenhum sinal — em todo o livro, há muitos sinais para o contrário — de que a ciência “pura” teria se mostrado uma atividade que valeria a pena. O tipo mais sério de cientista já levou puxão de orelhas na Parte II, quando os “Estudiosos” patrocinados pelo Rei de *Brobdingnag* tentam dar conta da pequena estatura de Gulliver:

Depois de muito debate, concluíram unanimemente que eu era apenas um relplum scalcath,²⁷ que é interpretado literalmente, lusus naturae; uma definição perfeitamente aceitável para a moderna filosofia da Europa, cujos professores, desdenhando a antiga evasiva das causas ocultas, por meio da qual os seguidores de Aristóteles em vão se esforçaram para disfarçar sua ignorância, inventaram esta maravilhosa solução para todas as dificuldades, para o inefável avanço do conhecimento humano.

Se houvesse alguma sustentação nisso, poderíamos supor que Swift é simplesmente o inimigo da ciência impostora. Em várias partes, no entanto, ele se dá ao trabalho de proclamar a inutilidade de todo conhecimento ou de toda especulação não voltados para um fim prático:

O conhecimento (dos Brobdingnagians) é muito deficiente, consistindo apenas em Moralidade, História, Poesia e Matemática, nos quais eles devem ter permissão para se sobressair. Mas, o último deles é totalmente aplicado ao que pode ser útil na vida, no aperfeiçoamento da agricultura e de todas as artes mecânicas, de modo que entre nós seria pouco valorizado. E quanto a ideias, entidades, abstrações e transcendentais, eu nunca conseguiria levar a mínima concepção para dentro de suas cabeças.

Os houyhnhnms, seres ideais de Swift, são atrasados até mesmo no sentido mecânico. Não conhecem metais, nunca ouviram falar de barcos, não praticam, na verdade, a agricultura (aprendemos que a aveia de que se alimentam “cresce naturalmente”) e parece que não inventaram a roda.²⁸ Não possuem alfabeto e, evidentemente, não têm muita curiosidade sobre o mundo físico. Não acreditam que exista outro país habitado fora o deles e, embora entendam os movimentos do Sol e da Lua, assim como a natureza das eclipses, “este é o maior progresso de sua astronomia”. Em contraposição, os filósofos da ilha flutuante de La puta vivem tão absorvidos em especulações teóricas que antes de alguém se dirigir a eles precisa lhes chamar a atenção batendo-lhes na orelha. Catalogaram dez mil estrelas fixas, estabeleceram os períodos de 93 cometas e descobriram, antes dos astrônomos da Europa continental, que Marte tinha duas luas — informações que, claro, Swift considera ridículas, inúteis e sem interesse. Como poderíamos esperar, ele pensa que o lugar do cientista, se houver um lugar, é no laboratório, e que o conhecimento não tem relação com questões políticas:

O que eu... pensava ser totalmente irresponsável, era a forte disposição que observei neles em relação a Notícias e Política, indagando perpetuamente sobre Assuntos Públicos, dando seus pareceres em Assuntos de Estado e discutindo apaixonadamente cada centímetro de uma opinião partidária. De fato, observei a mesma disposição entre a maioria dos matemáticos que conheci na Europa, embora nunca pudesse descobrir a menor analogia entre as duas ciências; a menos que essas pessoas suponham que, porque o menor círculo tem tantos graus quanto o maior, portanto o regulamento e a administração do mundo não requerem mais habilidades do que a manipulação e a rotação de um globo.

Não há algo de familiar nesta frase “*embora nunca pudesse descobrir a menor analogia entre as duas ciências*”? Ela tem exatamente o mesmo tom dos apologistas católicos populares que se declaram pasmos quando um cientista emite uma opinião sobre questões como a existência de Deus ou a imortalidade da alma. O cientista, dizem-nos, é um especialista num campo restrito: por que suas opiniões teriam valor em qualquer outro campo? A implicação é que a teologia é uma ciência exata tanto como, por exemplo, a química, e que o padre também é um especialista cujas conclusões sobre determinados assuntos devem ser aceitas. Swift faz de fato a mesma reivindicação para o político, mas vai além, no sentido de que não concederá que o cientista — o cientista “puro” ou o pesquisador ad hoc — é uma pessoa útil em sua atividade. Mesmo que não tivesse escrito a parte III de Viagens de Gulliver, poderíamos inferir do resto do livro que, como Leon Tolstói²⁹ e William Blake, ele detesta a ideia de estudar os processos da natureza. A “razão” que ele tanto admira nos houyhnhnms não significa, antes de tudo, o poder de tirar inferências lógicas de fatos observados. Embora nunca a defina, ela aparece na maioria dos contextos com o significado de senso comum — quer dizer, a aceitação do óbvio e o desprezo a tergiversações e abstrações — ou ausência de paixão e superstição. Em geral ele assume que já conhecemos tudo o que precisamos conhecer e que apenas usamos nosso conhecimento de modo impróprio. A medicina, por exemplo, é uma ciência inútil, porque se vivêssemos de uma forma mais natural, não existiriam doenças. No entanto, Swift não é um simplista nem um admirador do bom selvagem. É favorável à civilização e às artes da civilização. Não só percebe o valor das boas maneiras, da boa conversa e até mesmo do conhecimento de um tipo literário e histórico, como também

percebe a necessidade do estudo da agricultura, da navegação e da arquitetura, e que essas atividades poderiam ser melhoradas de maneira proveitosa. Mas seu objetivo implícito é uma civilização estática, indiferente — o mundo de sua própria época, um pouco mais limpo, um pouco mais salutar, sem alterações radicais e sem bisbilhotar o impossível de conhecer. Mais do que esperaríamos de alguém tão isento de falácias estabelecidas, ele venera o passado, principalmente a antiguidade clássica, e acredita que o homem moderno degenerou de forma acentuada durante os últimos cem anos. Na ilha dos magos, onde os espíritos dos mortos podem ser invocados à vontade:

Eu pretendia que o Senado de Roma pudesse aparecer diante de mim em uma grande câmara, e um moderno deputado em contrapartida, em outra. O primeiro parecia ser uma assembleia de heróis e semi-deuses, o outro, um bando de mascates, punguistas, bandoleiros e valentões.

Embora Swift use esta seção da Parte III para atacar a veracidade da história registrada, seu espírito crítico o abandona tão logo esteja lidando com gregos e romanos. Ele comenta, é claro, sobre a corrupção da Roma imperial, mas ele tem uma admiração quase irracional por algumas das principais figuras do mundo antigo:

Fui tomado por uma profunda veneração ao avistar Bruto e pude facilmente descobrir a virtude mais consumada, a maior intrepidez e firmeza de mente, o mais verdadeiro amor ao país e a bondade geral para com a humanidade em cada traço de seu rosto. [...] Tive a honra de conversar bastante com Bruto e me contaram que seus ancestrais, Júnio, Sócrates, Epaminondas, Catão, o jovem, sir Thomas More e ele mesmo estavam eternamente juntos: um sextunvirato, ao qual todas as eras do mundo não podem acrescentar um sétimo.

Note-se que, destas seis pessoas, apenas uma é cristã. Este é um ponto importante. Se somarmos o pessimismo de Swift, sua reverência ao passado, sua indiferença e seu horror ao corpo humano, chegamos a uma atitude comum entre os reacionários religiosos — ou seja, pessoas que defendem uma ordem injusta da sociedade, afirmando que este mundo não pode ser substancialmente melhorado e que só o “próximo mundo” importa. Entretanto, Swift não mostra sinais de ter qualquer crença religiosa, pelo menos em qualquer sentido comum das palavras. Ele não parece acreditar

seriamente na vida após a morte e sua ideia de bondade está ligada ao republicanismo, amor à liberdade, coragem, “benevolência” (significando na verdade espírito público), “razão” e outras qualidades pagãs. Isto faz lembrar que existe uma outra tensão em Swift, não muito congruente com sua descrença no progresso e seu ódio geral à humanidade.

Para começar, ele tem momentos em que é “construtivo” e até “avançado”. Ser ocasionalmente inconsistente é quase uma marca de vitalidade nos livros de utopia e Swift às vezes insere uma palavra de louvor em uma passagem que deveria ser puramente satírica. Assim, suas ideias sobre a educação dos jovens são transmitidas aos liliputianos, que têm a mesma visão que os Houyhnmns sobre este assunto. Os liliputianos também têm várias instituições sociais e jurídicas (por exemplo, existem pensões de velhice e as pessoas são recompensadas por cumprir a lei assim como punidas por violá-la) que Swift teria gostado de ver prevalecer em seu próprio país. No meio desta passagem, Swift se lembra de sua intenção satírica e acrescenta: “Ao relacionar estas e as seguintes leis, eu entenderia apenas as Instituições originais e não as mais escandalosas corrupções em que estas pessoas caíram pela natureza degenerada do homem”, mas como Lilliput supostamente representa a Inglaterra, e as leis de que ele está falando nunca tiveram seu paralelo na Inglaterra, é claro que o impulso para fazer sugestões construtivas foi demais para ele. Mas a maior contribuição de Swift ao pensamento político no sentido mais restrito das palavras, é seu ataque, especialmente na Parte III, ao que agora seria chamado de totalitarismo. Ele tem um prognóstico extraordinariamente claro do “Estado policial”, com suas infundáveis perseguições por heresia e julgamentos por traição, todos realmente destinados a neutralizar o descontentamento popular, transformando-o em histeria de guerra. E é preciso lembrar que Swift está aqui inferindo o todo a partir de uma parte bastante pequena, pois os governos débeis de seu próprio tempo não lhe deram ilustrações prontas. Por exemplo, há o professor da escola de projetores políticos que “me mostrou um grande documento de instruções para descobrir complôs e conspirações”, e que afirmou que se pode encontrar os pensamentos secretos das pessoas examinando seus excrementos:

Porque os homens nunca são tão sérios, pensativos e concentrados como quando estão na privada, o que ele constatou por um experimento frequente: pois em tais conjunturas, quando o usou apenas como ensaio para refletir sobre a melhor maneira de

assassinar o rei, seu excremento ganhava um matiz de verde; mas bem diferente quando apenas pensava em levantar uma insurreição ou incendiar a metrópole.

Diz-se que o professor e sua teoria foram sugeridos a Swift pelo nosso ponto de vista — não é um fato particularmente surpreendente ou repugnante que em um recente julgamento do Estado, algumas cartas encontradas na privada de alguém tenham sido colocadas em evidência. Mais tarde, no mesmo capítulo, parecemos estar positivamente no meio das purgas russas:

*No reino de Tribnia, pelos nativos chamados langdon... a maioria das pessoas consiste totalmente em, de certa maneira, descobridores, testemunhas, informantes, acusadores, promotores, depoentes, jurados... Primeiro concordam e acertam entre si, com quais pessoas suspeitas serão acusadas de um complô; depois, toma-se o cuidado de obter todas as suas cartas e todos os seus papéis, e acorrentar os donos. Esses papéis são entregues a um grupo de artistas, bastante hábeis em descobrir os misteriosos significados de palavras, sílabas e letras... Quando este método falha, têm outros dois mais eficazes, que os doutos entre eles chamam de acrósticos e anagramas. Em primeiro lugar, podem decifrar todas as letras iniciais em significados políticos. Assim: **N** significará complô, **B** um regimento da cavalaria, **L** uma frota no mar. Ou, em segundo lugar, ao transporem as letras do alfabeto em qualquer papel suspeito, podem expor os planos mais profundos de um partido descontente. Assim, por exemplo, se eu dissesse numa carta endereçada a um amigo, “Nosso irmão Tom acabou de ter hemorroidas, um decifrador habilidoso descobriria que as mesmas letras que compõem a frase podem ser analisadas nas seguintes palavras: Resista — um complô nos espera — A torre. E este é o método anagramático.*

Outros professores da mesma escola inventam línguas simplificadas, escrevem livros com máquinas, educam os alunos ao inscreverem as aulas numa hóstia fazendo-os engoli-la, ou propõem abolir a individualidade ao extrair parte do cérebro de um homem e enxertá-la na cabeça de outro. Há algo curiosamente familiar na atmosfera desses capítulos porque, mesclada com tanta bobagem, existe a percepção de que um dos objetivos do totalitarismo não é apenas se certificar de que as pessoas pensarão pensamentos adequados, mas na verdade torná-las menos conscientes.

Assim, mais uma vez, o relato que Swift faz do líder que em geral domina uma tribo de yahoos, e do “predileto” que atua primeiro como desonroso e depois como bode expiatório, encaixa-se de forma extraordinária no padrão de nossa própria época. Mas devemos inferir de tudo isso que Swift foi em primeiro lugar, e antes de mais nada, um inimigo da tirania e um paladino da liberdade? Não: seus pontos de vista, até onde podemos discerni-los, não são notavelmente liberais. Sem sombra de dúvida ele detesta nobres, reis, bispos, generais, damas da moda, ordens, títulos e lisonjas em geral, mas não parece ter o homem comum numa estima mais elevada do que seus soberanos, ou ser favorável a uma igualdade social maior, ou ser um entusiasta das instituições representativas. Os houyhnhnms estão organizados numa espécie de sistema de castas tipicamente racial, e os cavalos que fazem o trabalho servil têm cores diferentes dos donos e não se reproduzem entre si. O sistema educacional que Swift admira nos lilliputianos tem como certas as distinções de classe hereditárias, e as crianças das classes mais pobres não vão para a escola porque “sua atividade é apenas lavrar e cultivar a terra... portanto sua educação é de pouca consequência para o público”. Tampouco ele parece ser totalmente favorável à liberdade de expressão e de imprensa, a despeito da tolerância que seus próprios escritos desfrutaram. O rei de Brobdingnag fica espantado com a multiplicidade de seitas religiosas e políticas na Inglaterra e pensa que aqueles que sustentam “opiniões prejudiciais ao público” (no contexto, isso parece significar simplesmente opiniões heréticas), embora não precisem ser obrigados a mudá-las, deveriam ser obrigados a ocultá-las, porque, “assim como era tirania em qualquer governo solicitar o primeiro, seria fraqueza não fazer cumprir o segundo”. Há uma indicação mais sutil da própria atitude de Swift na maneira como Gulliver deixa o país dos houyhnhnms. Ao menos intermitentemente. Swift era uma espécie de anarquista, e a parte IV de Viagens de Gulliver é um retrato de uma sociedade anarquista não governada pela lei no sentido comum, mas pelos ditames da “razão”, que são aceitos voluntariamente por todos. A assembleia geral dos houyhnhnms “exorta” o mestre de Gulliver a se livrar dele e os vizinhos o pressionam a obedecer. Dois motivos são apresentados. Um é que a presença desse yahoo insólito pode desconcertar o resto da tribo e o outro é que uma relação amistosa entre um houyhnhnm e um yahoo “não está em conformidade com a razão ou a natureza, ou a algo que conheceram antes”. O mestre de Gulliver não está muito disposto a obedecer, mas a “exortação” (um

houyhnhnm, aprendemos, nunca é forçado a fazer uma coisa, é apenas “exortado” ou “aconselhado”) não pode ser ignorada. Isso ilustra muito bem a tendência totalitária apontada na visão anarquista ou pacifista da sociedade. Numa sociedade sem lei e, em teoria, sem compulsão, o único árbitro do procedimento é a opinião pública. Mas a opinião pública, devido à tremenda necessidade de consonância dos animais gregários, é menos tolerante do que qualquer sistema de leis. Quando seres humanos são governados por “não poderás”, o indivíduo pode praticar certa quantidade de maluquices: quando supostamente governado pelo “amor” ou pela “razão”, acha-se sujeito a uma pressão contínua para se comportar e pensar exatamente como todo mundo.

Temos razão em pensar em Swift como um rebelde e iconoclasta, mas exceto em certos assuntos secundários, tais como sua insistência em que as mulheres recebam a mesma educação que os homens, ele não pode ser rotulado de “Esquerda”. Ele é um anarquista conservador, desprezando a autoridade enquanto não acredita na liberdade, e preservando a visão aristocrática enquanto vê claramente que a aristocracia existente é degenerada e desprezível. Quando Swift profere uma de suas diatribes características contra os ricos e poderosos, é provável, como eu disse anteriormente, que se tenha de escrever algo pelo fato de que ele próprio pertenceu ao partido menos bem sucedido, e ficou pessoalmente desapontado. Os “de fora”, por razões óbvias, são sempre mais radicais que os “de dentro”.³⁰ Mas a coisa mais essencial em Swift é sua incapacidade de acreditar que a vida cotidiana na terra sólida, e não alguma versão racionalizada e desodorizada da mesma, poderia valer a pena viver. É claro que nenhuma pessoa honesta afirma que a felicidade é agora uma condição normal entre os seres humanos adultos; mas talvez ela possa se tornar normal, e é sobre esta questão que toda controvérsia política séria realmente se transforma. Swift tem muito mais em comum, creio eu, do que tem sido notado — com Tolstoi, outro incrédulo na possibilidade de felicidade. Em ambos os homens você tem a mesma perspectiva anárquica cobrindo um elenco autoritário; em ambos, uma hostilidade semelhante à ciência, a mesma impaciência com os adversários, a mesma incapacidade de ver a importância de qualquer questão não interessante para si mesmo; e em ambos os casos, uma espécie de horror ao processo real da vida, embora no caso de Tolstoy tenha chegado mais tarde e de uma maneira diferente. A infelicidade sexual dos dois homens não era do mesmo tipo, mas tinham em

comum, que em ambos uma sincera aversão estava misturada com um fascínio mórbido. Tolstoi era um libertino reformado que terminou pregando o celibato completo, enquanto continuava a praticar o oposto até a velhice extrema. Swift era presumivelmente impotente e tinha um horror exagerado ao excremento humano: ele também pensava nisso incessantemente, como é evidente em todas as suas obras. É pouco provável que tais pessoas gozem até mesmo da pequena quantidade de felicidade que recai sobre a maioria dos seres humanos e, por motivos óbvios, é pouco provável que admitam que a vida terrena seja capaz de muitas melhorias. Sua falta de curiosidade e sua intolerância brotam da mesma raiz.

A repugnância, o rancor e o pessimismo de Swift fariam sentido no contexto de um “outro mundo” para o qual este é o prelúdio. Uma vez que, ao que parece, não acredita seriamente nisso, é necessário construir um paraíso que se supõe existir na superfície da Terra, mas algo bem diferente de tudo o que conhecemos, com a eliminação de tudo o que ele desaprova: mentiras, insensatez, mudanças, entusiasmo, prazer, amor e imundície. Como ser ideal, escolhe o cavalo, um animal cujo estrume não é ofensivo. Os houyhnhnms são animais arrenegados — e isso é admitido em termos tão gerais que não vale a pena examinar a questão. O gênio de Swift os torna verossímeis, mas é possível que haja pouquíssimos leitores em quem despertaram qualquer sentimento além de antipatia. E isso não pela vaidade ferida de ver animais preferidos a homens; porque, dos dois, os houyhnhnms são bem mais parecidos com seres humanos do que são os yahoos, e o horror de Gulliver aos yahoos, junto com seu reconhecimento de que são criaturas do mesmo tipo que ele, contém um absurdo lógico. Esse horror lhe ocorre ao vê-los pela primeira vez. “Nunca vi”, diz ele, “em todas as minhas viagens, um animal tão desagradável, nem um pelo qual naturalmente tenha concebido uma repugnância tão forte.” Mas em comparação com o que os yahoos são repugnantes? Não com os houyhnhnms, porque nesse momento Gulliver não viu um houyhnhnm. Só pode ser em comparação consigo mesmo, ou seja, com um ser humano. Mais tarde, porém, somos informados de que os yahoos são seres humanos, e a sociedade humana se torna insuportável para Gulliver porque todos os homens são yahoos. Neste caso, por que não concebeu antes sua repugnância à humanidade? De fato, somos informados de que os yahoos são fantasticamente diferentes dos homens e, no entanto, são iguais. Swift excedeu a si mesmo em sua fúria e gritou contra seus semelhantes: “São bem mais repugnantes do que são!”. No entanto, é

impossível sentir muita simpatia pelos yahoos, e não é porque oprimem os yahoos que os houghnms são pouco sedutores. São pouco sedutores porque a “razão” pela qual são governados é na realidade um desejo da morte. São isentos de amor, amizade, curiosidade, medo, pena e exceto nos sentimentos para com os yahoos, que ocupam a mesma posição em sua comunidade que os judeus na Alemanha nazista — ira e ódio. “Não têm carinho por seus potros ou filhotes, mas o cuidado que tomam para educá-los procede inteiramente dos conselhos da razão.” Dão enorme importância à “amizade” e à “benevolência”, mas “estas não se limitam a indivíduos específicos, mas valem para a raça inteira”. Dão valor também à conversação, mas nesta não há divergências de opinião e “nada é transmitido, exceto o que é útil, expresso com as pouquíssimas palavras”. Praticam um rígido controle da natalidade, cada casal gerando dois filhos e depois disso abstendo-se de relação sexual. Seus casamentos são arranjados para eles pelos mais velhos, sobre princípios eugênicos, e sua linguagem não contém nenhuma palavra para “amor”, no sentido sexual. Quando alguém morre, eles prosseguem exatamente como antes, sem sentir nenhum pesar. Vê-se que seu objetivo é ser o mais parecido possível com um defunto, mantendo a vida física. Uma ou duas de suas características, é verdade, não parecem ser estritamente “razoáveis” em seu próprio uso da palavra. Assim, eles dão grande valor não apenas à robustez física, mas ao atletismo, e são devotados à poesia. Mas estas exceções podem ser menos arbitrárias do que parecem. Swift provavelmente enfatiza a força física dos Houghnms a fim de deixar claro que eles nunca poderiam ser conquistados pela odiada raça humana, enquanto o gosto pela poesia pode figurar entre suas qualidades porque a poesia se apresentava a Swift como a antítese da ciência, do seu ponto de vista a mais inútil de todas as atividades. Na Parte III ele nomeia “Imaginação, fantasia e invenção” como as faculdades desejáveis das quais os matemáticos laputanos (apesar de seu amor pela música) estavam totalmente carentes. É preciso lembrar que, embora Swift fosse um admirável escritor de versos cômicos, o tipo de poesia que ele achava valiosa provavelmente seria a poesia didática. A poesia dos Houghnms, diz ele:

devem ter permissão para se sobressair (a) todos os outros mortais; onde a justeza de seus símiles e a minuciosidade, assim como a exatidão de suas descrições são, de fato, inimitáveis. Seus versos abundam muito em ambos; e geralmente contêm ou algumas noções exaltadas de amizade e benevolência, ou os

louvores daqueles que foram vencedores em corridas e outros exercícios físicos.

Infelizmente, nem mesmo o gênio de Swift foi capaz de produzir um espécime pelo qual pudéssemos julgar a poesia dos Houyhnmns. Mas soa como se fosse uma coisa fria (em duplas heroicas, presumivelmente) e não em sério conflito com os princípios da “Razão”.

A felicidade é notoriamente difícil de descrever, e as imagens de uma sociedade justa e bem ordenada raramente são atraentes ou convincentes. A maioria dos criadores de utopias “favoráveis”, no entanto, está preocupada em mostrar como poderia ser a vida se fosse vivida mais plenamente. Swift defende uma simples recusa da vida, justificando-a com a afirmação de que “razão” consiste em contrariar seus instintos. Os Houyhnhnms, criaturas sem história, continuam a viver com prudência, geração após geração, mantendo sua população exatamente no mesmo nível, evitando toda paixão, não sofrendo nenhuma doença, encontrando a morte com indiferença, treinando seus jovens com os mesmos princípios — e tudo para quê? De modo que o mesmo processo possa prosseguir indefinidamente. As noções de que a vida aqui e agora vale a pena viver, ou que poderia valer a pena viver, ou que deve ser sacrificada por algum bem futuro, estão todas ausentes. O mundo monótono dos Houyhnmns era o melhor que a utopia de Swift podia construir, entendendo que ele não acreditava em um “outro mundo” e que não poderia obter nenhum prazer de certas atividades normais. Mas não é realmente criado como algo desejável em si mesmo, mas como a justificativa para outro ataque à humanidade. O objetivo, como sempre, é humilhar o Homem, lembrando-o de que ele é fraco e ridículo, e acima de tudo que ele fede; e o motivo final, provavelmente, é uma espécie de inveja, a inveja do fantasma pelos vivos, do homem que sabe que não pode ser feliz como outros que — assim ele receia — podem ser um pouco mais felizes do que ele mesmo. A expressão política de tal perspectiva deve ser reacionária ou niilista, porque a pessoa que a mantém querará impedir que a sociedade se desenvolva em alguma direção na qual seu pessimismo possa ser traído. Isto se pode fazer, seja fazendo tudo em pedaços, seja evitando mudanças sociais. Swift acabou explodindo tudo da única forma viável antes da bomba atômica — isto é, ele enlouqueceu — mas, como tentei mostrar, seus objetivos políticos giravam em torno de todos os objetivos reacionários.

Pelo que escrevi, pode parecer que sou contra Swift e que meu objetivo é refutá-lo e até mesmo depreciá-lo. No sentido político e moral, estou contra

ele, tanto quanto eu o entendo. No entanto, curiosamente, ele é um dos escritores que admiro com menos reservas, e *Viagens de Gulliver*, em particular, é um livro do qual parece impossível me cansar. Eu o li pela primeira vez quando tinha oito anos — um dia menos de oito, para ser exato, pois roubei e li furtivamente a cópia que me seria entregue no dia seguinte, no meu oitavo aniversário — e certamente não o li menos de meia dúzia de vezes desde então. Seu fascínio parece inesgotável. Se eu tivesse que fazer uma lista de seis livros que deveriam ser preservados quando todos os outros fossem destruídos, eu certamente colocaria *Viagens de Gulliver* entre eles. Isto levanta a questão: qual é a relação entre a concordância com as opiniões de um escritor e o gozo de sua obra?

Se alguém é capaz de desapego intelectual, pode-se perceber o mérito em um escritor com quem se discorda profundamente, mas o desfrute é um assunto diferente. Supondo que existe algo como boa ou má arte, então a qualidade do bom ou do ruim deve residir na obra de arte em si — não independentemente do observador, de fato, mas independentemente do estado de espírito do observador. Em certo sentido, portanto, não pode ser verdade que um poema seja bom na segunda-feira e ruim na terça-feira. Mas se alguém julgar o poema pela apreciação que ele desperta, então certamente pode ser verdade, porque apreciação, ou gozo, é uma condição subjetiva que não pode ser dominada. Para grande parte de sua vida de vigília, mesmo a pessoa mais culta não tem qualquer sentimento estético, e o poder de ter sentimentos estéticos é facilmente destruído. Quando você está assustado, ou com fome, ou sofre de dor de dente ou enjoo do mar, *Rei Lear* não é melhor do seu ponto de vista do que *Peter Pan*. Você pode saber em um sentido intelectual que é melhor, mas isso é simplesmente um fato que você se lembra: você não sentirá o mérito de *Rei Lear* até que esteja em condições normais novamente. E o julgamento estético pode ser perturbado igualmente desastrosamente — mais desastrosamente, porque a causa é menos facilmente reconhecida por desacordo político ou moral. Se um livro o irrita, fere ou inquieta, então você não vai gostar dele, sejam quais forem seus méritos. Se lhe parecer um livro realmente pernicioso, susceptível de influenciar outras pessoas de alguma forma indesejável, então você provavelmente construirá uma teoria estética para mostrar que ele não tem méritos. A crítica literária atual consiste, em grande parte, neste tipo de manobra entre dois pesos e duas medidas. E ainda assim, o processo oposto também pode acontecer: o gozo pode superar a desaprovação, mesmo que se

reconheça claramente que se está desfrutando de algo hostil. Swift, cuja visão de mundo é tão peculiarmente inaceitável, mas que é, no entanto, um escritor extremamente popular, é um bom exemplo disso. Por que não nos importamos de ser chamados de Yahoos, embora estejamos firmemente convencidos de que não somos Yahoos?

Não basta dar a resposta usual de que, claro, Swift estava errado, na verdade ele era louco, mas era “um bom escritor”. É verdade que a qualidade literária de um livro é, em certa medida, separável de seu objeto. Algumas pessoas têm um dom nativo para usar palavras, assim como algumas pessoas têm naturalmente um “bom olho” nos jogos. É em grande parte uma questão de tempo e de saber instintivamente o quanto de ênfase se deve usar. Como exemplo próximo, olhe para a passagem que citei anteriormente, começando por “No Reino de Tribnia, pelos nativos chamados Langdon”. Ela deriva muito de sua força a partir da frase final: “E este é o método feito pelo anagrama”. Estritamente falando, esta frase é desnecessária, pois já vimos o anagrama descryptografado, mas a repetição solene do anagrama, na qual parece ser possível ouvir a própria voz de Swift pronunciando as palavras, inculca a tolice das atividades descritas, como a martelada final em um prego. Mas nem todo o poder e simplicidade da prosa de Swift, nem o esforço imaginativo que foi capaz de tornar não um, mas toda uma série de mundos impossíveis mais dignos de credibilidade do que a maioria dos livros de história — nenhum deles nos permitiria desfrutar de Swift se sua visão de mundo fosse verdadeiramente feroz ou chocante. Milhões de pessoas, em vários países, devem ter gostado de Viagens de Gulliver ao mesmo tempo que enxergaram mais ou menos suas implicações anti-humanas: e até a criança que interpreta a primeira e a segunda partes como uma simples história, tem uma noção de absurdo ao pensar em seres humanos de quinze centímetros de altura. A explicação deve ser que se percebe que a visão de mundo de Swift não é completamente falsa — ou, talvez fosse mais exato dizer, não é falsa o tempo inteiro. Swift é um escritor doente. Vive permanentemente numa depressão que em muitas pessoas é apenas passageira, como se quem sofresse de icterícia ou dos efeitos secundários de uma gripe ainda encontrasse energia para escrever livros. Mas todos nós conhecemos essa disposição de ânimo, e alguma coisa dentro de nós reage ao aparecimento dela. Tomemos, por exemplo, uma de suas obras mais características, “The lady’s dressing-room”³¹ [O toucador da dama]: poderíamos acrescentar o poema análogo “Upon a beautiful young

nymph going to bed” [Sobre uma bela jovem ninfa ao se deitar]. Qual é mais verdadeiro, o ponto de vista expresso nesses poemas, ou o do implícito na frase de Blake: “A forma humana feminina desnuda divina”? Sem dúvida Blake está mais próximo da verdade e, no entanto, quem pode deixar de sentir uma espécie de prazer ao ver essa mentira, a delicadeza feminina, explodir uma vez? Swift falsifica sua imagem do mundo ao se recusar a ver qualquer coisa na vida humana, exceto sujeira, loucura e maldade, mas a parte que ele abstrai do todo existe, e é algo que todos nós sabemos, mesmo nos abstendo de mencionar. Parte de nossa mente — em qualquer pessoa normal é a parte dominante — acredita que o homem é um animal nobre e que vale a pena viver a vida: mas há também uma espécie de eu interior que, pelo menos de forma intermitente, fica aterrorizada com o horror da existência. Da maneira mais estranha, prazer e aversão estão ligados entre si. O corpo humano é belo: é também repulsivo e ridículo, fato que pode ser verificado em qualquer piscina. Os órgãos sexuais são objetos de desejo e também de repugnância, tanto que em muitas línguas, senão em todas, seus nomes são usados como palavras para insultar. A carne é deliciosa, mas um açougue nos faz sentir mal: e de fato toda a nossa comida provém em última instância do esterco e dos cadáveres, as duas coisas que de todas as outras nos parecem as mais horríveis. Uma criança, quando passa da fase infantil, mas ainda olhando o mundo com olhos virgens, é movida pelo horror quase tantas vezes quanto pelo horror do ranho e da saliva, dos excrementos dos cães no pavimento, do sapo moribundo cheio de larvas, do cheiro do suor dos adultos, do horror dos homens velhos, com suas cabeças carecas e nariz volumoso. Em sua incessante tormenta sobre doenças, sujeira e deformidade, Swift não está na verdade inventando nada, ele está meramente deixando algo de fora. O comportamento humano também, especialmente na política, é como ele o descreve, embora contenha outros fatores mais importantes que ele se recusa a admitir. Até onde podemos ver, tanto o horror quanto a dor são necessários para a continuidade da vida neste planeta, e por isso está à disposição de pessimistas como Swift afirmar: “Se o horror e a dor devem estar sempre conosco, como a vida pode ser significativamente aprimorada?”. Sua atitude é de fato a atitude cristã, menos o suborno de um “outro mundo” — que, no entanto, provavelmente tem menos força na mente dos crentes do que a convicção de que este mundo é um vale de lágrimas e o túmulo é um lugar de descanso. Trata-se, estou certo, de uma atitude errada e que poderia ter efeitos nocivos sobre o comportamento; mas

algo em nós responde a isso, pois corresponde às palavras sombrias do enterro e ao cheiro adocicado de cadáveres em uma igreja do interior.

É frequentemente argumentado, pelo menos por pessoas que admitem a importância do assunto, que um livro não pode ser “bom” se expressar uma visão visivelmente falsa da vida. Dizem-nos que em nossa época, por exemplo, qualquer livro que tenha mérito literário genuíno também terá uma tendência mais ou menos “progressista”. Isto ignora o fato de que ao longo da história uma luta semelhante entre progresso e reação tem sido travada, e que os melhores livros de qualquer época sempre foram escritos a partir de vários pontos de vista diferentes, alguns deles palpavelmente mais falsos do que outros. Na medida em que um escritor é um propagandista, o máximo que se pode lhe pedir é que acredite genuinamente no que está dizendo, e que isso não seja algo extremamente tolo. Hoje, por exemplo, pode-se imaginar um bom livro sendo escrito por um católico, um comunista, um fascista, um pacifista, um anarquista, talvez por um liberal de estilo antigo ou um conservador comum: não se pode imaginar um bom livro sendo escrito por um espírita, um Buchmanita³² ou um membro da Ku-Klux-Klan.³³ Os pontos de vista que um escritor defende devem ser compatíveis com a sanidade, no sentido clínico, e com o poder do pensamento contínuo: além disso, o que lhe pedimos é talento, que provavelmente é outro nome para convicção. Swift não possuía a sabedoria comum, mas possuía uma tremenda intensidade de visão, capaz de escolher uma única verdade oculta e depois ampliá-la e distorcê-la. A durabilidade de *Viagens de Gulliver* mostra que, se a força da crença está por trás disso, uma visão de mundo que só passa no teste da sanidade é suficiente para produzir uma grande obra de arte.

Polemic, 1946



Notas:

1 **William Blake** (Londres, 28 de novembro de 1757 — Londres, 12 de agosto de 1827) foi um poeta, tipógrafo e pintor inglês, sendo sua pintura definida como pintura fantástica. Blake viveu num período significativo da história, marcado pelo iluminismo e pela Revolução Industrial na Inglaterra. “The Tyger” é um poema do poeta inglês William Blake, publicado em 1794, como parte de sua coleção Songs of Experience. Tem sido objeto de crítica literária e de muitas adaptações, incluindo várias versões musicais.

2 O Marechal-de-campo **Horatio Herbert Kitchener**, 1º Conde Kitchener (24 de junho de 1850 — 5 de junho de 1916) foi um militar graduado do Exército Britânico e administrador colonial que ganhou notoriedade por suas campanhas imperiais, incluindo ordens dadas de “terra arrasada” contra os bôeres e o estabelecimento de campos de concentração na África do Sul.

3 A poesia Georgiana refere-se a uma série de antologias que mostram o trabalho de uma escola de poesia inglesa que se estabeleceu durante os primeiros anos do reinado do Rei George V do Reino Unido.

4 Do francês. Verso leve escrito para uma ocasião especial.

5 **Aristófanes** (ca. 447 a.C. — ca. 385 a.C.) foi um dramaturgo grego. É considerado o maior representante da comédia antiga.

6 [Paraíso Perdido](#) por John Milton

7 [Dias na Birmânia](#), Burmese Days por George Orwell

8 **Eugene Aram** (1704 – 6 de agosto de 1759) foi um filólogo inglês, mas é mais conhecido como o assassino celebrado por Thomas Hood em sua balada, *The Dream of Eugene Aram*, e por Bulwer-Lytton, em seu romance de 1832, Eugene Aram.

9 “Pois Duggie sempre paga”. Duggie (Douglas Stuart) era um agente de apostas da época.

10 [Homenagem à Catalunha](#), Homage to Catalonia por George Orwell

11 [A Revolução dos Bichos](#), Animal Farm por George Orwell

12 O livro Orwell diz estar escrevendo é “[1984](#)”, seu maior sucesso, publicado menos de 2 anos após ter escrito este ensaio.

13 **Passagem púrpura**: na crítica literária britânica significa uma passagem que se destaca pelo brilho ou eficácia em um trabalho que é monótono, comum ou sem inspiração. Chamada também de remendo púrpura.

14 **Fiacres Hanson** eram carros de aluguel de duas rodas, que tinham o nome de seu inventor, Joseph Alysius Hansom (1802-82). Os hansoms eram ubíquos em Londres nas décadas de 1880 e 1890. No interior havia lugar para dois passageiros e o cocheiro sentava-se fora.

15 O texto usa a expressão “*play ducks and drakes*”, brincar de patos e dracmas, que significa abusar.

16 **Nota do autor**: Uma ilustração interessante disto é a forma como os nomes das flores inglesas que estavam em uso até muito recentemente estão sendo expulsos pelos gregos, *snapdragon* se tornando *antirrhinum*, *forget-me-not* se tornando *myosotis*, etc. É difícil ver qualquer razão prática para esta mudança de moda: provavelmente é devido a uma reviravolta instintiva da palavra mais caseira e um sentimento vago de que a palavra grega é científica.

17 **Exército Branco** (ru: Белая Армия) ou Guarda Branca (ru: Белая Гвардия, белогвардейцы) foi o braço militar do Movimento Branco, durante a Guerra Civil Russa. Era formado por forças nacionalistas e contrarrevolucionárias russas, uma amálgama de organizações anticomunistas, conservadoras e, em muitos casos, pró-czaristas e ainda os defensores da antiga República Russa, além

de outras facções, que, após a Revolução de Outubro, lutaram contra o Exército Vermelho e os bolcheviques na Rússia.

[18](#) *de-regionalize, impermissible, extramarital, non-fragmentary*

[19](#) **Nota do autor:** Exemplo: “A catolicidade da percepção e imagem do conforto, estranhamente *Whitmanesque* em alcance, quase o oposto em compulsão estética, continua a evocar aquele tremendo acúmulo atmosférico insinuando uma cruel, uma atemporalidade inexoravelmente serena... Wrey Gardiner pontua visando com precisão o alvo simples. Só que eles não são tão simples, e através desta tristeza contente vai mais além da superfície agridoce da resignação”. (Poetry Quarterly.)

[20](#) Eclesiastes 9:11, versão Bíblia do Rei Jaime (King James Version)

[21](#) Em inglês o termo, ao contrário do português, tem significado de “muito ruim, chocante”.

[22](#) **Nota do autor:** É possível curar-se desse mal memorizando a seguinte frase: “*A not unblack dog was chasing a not unsmall rabbit across a not ungreen field*” [um cão não não preto estava caçando um coelho não não pequeno num campo não não-verde].

[23](#) *A tale of a tub* [História de uma banheira], por **Jonathan Swift**. Foi a primeira grande obra escrita por Swift, sem dúvida sua sátira mais difícil e talvez sua mais magistral. O conto é uma paródia em prosa dividida em seções, cada uma delas mergulhando em um aspecto da moral e ética do inglês.

[24](#) **Dissidentes ingleses**, (em Inglês: English dissenters), também chamados de não conformistas, foram reformadores na Inglaterra que se opuseram à intervenção do estado e fundaram as suas próprias comunidades. Tendo desejado uma reforma melhor e mais pura na Igreja Inglesa, muitos indivíduos estavam desapontados pelas decisões políticas tomadas pelos reis que controlavam a igreja estabelecida (a Igreja Anglicana).

[25](#) O *Whig Party*, era o partido que reunia as tendências liberais no Reino Unido, e contrapunha-se ao *Tory Party*, de linha conservadora.

[26](#) **The Brains Trust** foi um programa informativo de rádio da BBC e posteriormente de televisão popular no Reino Unido durante os anos 40 e 50, no qual um painel de especialistas tentava responder às perguntas enviadas pelo público.

[27](#) Na língua dos Brobdingnagians gigantes, *relplum scalcath* significa uma aberração da natureza, uma pessoa selvagem e descontrolada.

[28](#) **Nota do autor:** Houyhnhnms muito velhos para andar são descritos como sendo transportados em “trenós” ou em “um tipo de veículo assemelhados a trenós”. Presumivelmente, estes não tinham rodas.

[29](#) **Lev Nikolaevitch Tolstoi**, mais conhecido em português como Leon, Leo Liev Tolstói, foi um escritor russo, amplamente reconhecido como um dos maiores de todos os tempos

[30](#) **Nota do Autor:** No final do livro, como espécimes típicos da loucura e maldade humana, Swift nomeia “um Advogado, um Carteirista, um Coronel, um Tolo, um Senhor, um Cafetão, um Político, um Bicheiro, um Médico, um Depoente, um Subornador, um Traidor, ou algo parecido”. Vê-se aqui a violência irresponsável dos impotentes. A lista reúne aqueles que quebram o código convencional e aqueles que o mantêm. Por exemplo, se você condena automaticamente um coronel, como tal, com que fundamento condena um traidor? Ou ainda, se você quiser suprimir os carteiristas, você deve ter leis, o que significa que você deve ter advogados. Mas toda a passagem final, na qual o ódio é tão autêntico, e a razão dada para isso tão inadequada, é de alguma forma pouco convincente. Temos a sensação de que a animosidade pessoal está em ação.

[31](#) *The lady's dressing-room*, O toucador da dama por Jonathan Swift

[32](#) **Buchmanita:** um membro do movimento do Grupo Oxford, seguidor do reformador religioso Frank Buchman e seus ensinamentos.

[33](#) A **Ku Klux Klan** foi uma organização terrorista que, desde meados do século XIX, atuou nos Estados Unidos sendo contrária à integração social. Seus integrantes usavam roupas longas de cor branca e andavam de capuzes para encobrir sua identidade. Além disso, defendiam a supremacia branca e o nacionalismo exacerbado, sendo a favor da “purificação” da sociedade norte-americana contra qualquer tipo de diversidade.

Original em Inglês

Why I write

From a very early age, perhaps the age of five or six, I knew that when I grew up I should be a writer. Between the ages of about seventeen and twenty-four I tried to abandon this idea, but I did so with the consciousness that I was outraging my true nature and that sooner or later I should have to settle down and write books.

I was the middle child of three, but there was a gap of five years on either side, and I barely saw my father before I was eight. For this and other reasons I was somewhat lonely, and I soon developed disagreeable mannerisms which made me unpopular throughout my schooldays. I had the lonely child's habit of making up stories and holding conversations with imaginary persons, and I think from the very start my literary ambitions were mixed up with the feeling of being isolated and undervalued. I knew that I had a facility with words and a power of facing unpleasant facts, and I felt that this created a sort of private world in which I could get my own back for my failure in everyday life. Nevertheless the volume of serious—i.e. seriously intended—writing which I produced all through my childhood and boyhood would not amount to half a dozen pages. I wrote my first poem at the age of four or five, my mother taking it down to dictation. I cannot remember anything about it except that it was about a tiger and the tiger had 'chair-like teeth'—a good enough phrase, but I fancy the poem was a plagiarism of Blake's 'Tiger, Tiger'. At eleven, when the war of 1914-18 broke out, I wrote a patriotic poem which was printed in the local newspaper, as was another, two years later, on the death of Kitchener. From time to time, when I was a bit older, I wrote bad and usually unfinished 'nature poems' in the Georgian style. I also attempted a short story which was a ghastly failure. That was the total of the would-be serious work that I actually set down on paper during all those years.

However, throughout this time I did in a sense engage in literary activities. To begin with there was the made-to-order stuff which I produced quickly, easily and without much pleasure to myself. Apart from school work, I wrote *Vers D'occasion*, semi-comic poems which I could turn out at what now seems to me astonishing speed—at fourteen I wrote a whole rhyming play, in imitation of Aristophanes, in about a week—and helped to edit school magazines, both printed and in manuscript. These magazines were the most pitiful burlesque stuff that you could imagine, and I took far less trouble with them than I now would with the cheapest journalism. But side by side with all this, for fifteen years or more, I was carrying out a literary exercise of a quite different kind: this was the making up of a continuous ‘story’ about myself, a sort of diary existing only in the mind. I believe this is a common habit of children and adolescents. As a very small child I used to imagine that I was, say, Robin Hood, and picture myself as the hero of thrilling adventures, but quite soon my ‘story’ ceased to be narcissistic in a crude way and became more and more a mere description of what I was doing and the things I saw. For minutes at a time this kind of thing would be running through my head: ‘He pushed the door open and entered the room. A yellow beam of sunlight, filtering through the muslin curtains, slanted on to the table, where a match-box, half-open, lay beside the inkpot. With his right hand in his pocket he moved across to the window. Down in the street a tortoiseshell cat was chasing a dead leaf, etc. etc. This habit continued until I was about twenty-five, right through my non-literary years. Although I had to search, and did search, for the right words, I seemed to be making this descriptive effort almost against my will, under a kind of compulsion from outside. The ‘story’ must, I suppose, have reflected the styles of the various writers I admired at different ages, but so far as I remember it always had the same meticulous descriptive quality.

When I was about sixteen I suddenly discovered the joy of mere words, i.e. the sounds and associations of words. The lines from *Paradise Lost*,

*So hee with difficulty and labour hard
Moved on: with difficulty and labour hee.*

which do not now seem to me so very wonderful, sent shivers down my backbone; and the spelling ‘hee’ for ‘he’ was an added pleasure. As for the need to describe things, I knew all about it already. So it is clear what kind of books I wanted to write, in so far as I could be said to want to write books at that time. I wanted to write enormous naturalistic novels with unhappy

endings, full of detailed descriptions and arresting similes, and also full of purple passages in which words were used partly for the sake of their own sound. And in fact my first completed novel, *Burmese Days*, which I wrote when I was thirty but projected much earlier, is rather that kind of book.

I give all this background information because I do not think one can assess a writer's motives without knowing something of his early development. His subject matter will be determined by the age he lives in—at least this is true in tumultuous, revolutionary ages like our own—but before he ever begins to write he will have acquired an emotional attitude from which he will never completely escape. It is his job, no doubt, to discipline his temperament and avoid getting stuck at some immature stage, in some perverse mood; but if he escapes from his early influences altogether, he will have killed his impulse to write. Putting aside the need to earn a living, I think there are four great motives for writing, at any rate for writing prose. They exist in different degrees in every writer, and in any one writer the proportions will vary from time to time, according to the atmosphere in which he is living. They are:

(i) Sheer egoism. Desire to seem clever, to be talked about, to be remembered after death, to get your own back on the grown-ups who snubbed you in childhood, etc., etc. It is humbug to pretend this is not a motive, and a strong one. Writers share this characteristic with scientists, artists, politicians, lawyers, soldiers, successful businessmen—in short, with the whole top crust of humanity. The great mass of human beings are not acutely selfish. After the age of about thirty they almost abandon the sense of being individuals at all—and live chiefly for others, or are simply smothered under drudgery. But there is also the minority of gifted, willful people who are determined to live their own lives to the end, and writers belong in this class. Serious writers, I should say, are on the whole more vain and self-centered than journalists, though less interested in money.

(ii) Aesthetic enthusiasm. Perception of beauty in the external world, or, on the other hand, in words and their right arrangement. Pleasure in the impact of one sound on another, in the firmness of good prose or the rhythm of a good story. Desire to share an experience which one feels is valuable and ought not to be missed. The aesthetic motive is very feeble in a lot of writers, but even a pamphleteer or writer of textbooks will have pet words and phrases which appeal to him for non-utilitarian reasons; or he may feel

strongly about typography, width of margins, etc. Above the level of a railway guide, no book is quite free from aesthetic considerations.

(iii) Historical impulse. Desire to see things as they are, to find out true facts and store them up for the use of posterity.

(iv) Political purpose. Using the word ‘political’ in the widest possible sense. Desire to push the world in a certain direction, to alter other peoples’ idea of the kind of society that they should strive after. Once again, no book is genuinely free from political bias. The opinion that art should have nothing to do with politics is itself a political attitude.

It can be seen how these various impulses must war against one another, and how they must fluctuate from person to person and from time to time. By nature—taking your ‘nature’ to be the state you have attained when you are first adult—I am a person in whom the first three motives would outweigh the fourth. In a peaceful age I might have written ornate or merely descriptive books, and might have remained almost unaware of my political loyalties. As it is I have been forced into becoming a sort of pamphleteer. First I spent five years in an unsuitable profession (the Indian Imperial Police, in Burma), and then I underwent poverty and the sense of failure. This increased my natural hatred of authority and made me for the first time fully aware of the existence of the working classes, and the job in Burma had given me some understanding of the nature of imperialism: but these experiences were not enough to give me an accurate political orientation. Then came Hitler, the Spanish Civil War, etc. By the end of 1935 I had still failed to reach a firm decision. I remember a little poem that I wrote at that date, expressing my dilemma:

*A happy vicar I might have been
Two hundred years ago
To preach upon eternal doom
And watch my walnuts grow;
But born, alas, in an evil time,
I missed that pleasant haven,
For the hair has grown on my upper lip
And the clergy are all clean-shaven.
And later still the times were good,
We were so easy to please,
We rocked our troubled thoughts to sleep
On the bosoms of the trees.*

*All ignorant we dared to own
The joys we now dissemble;
The greenfinch on the apple bough
Could make my enemies tremble.
But girl's bellies and apricots,
Roach in a shaded stream,
Horses, ducks in flight at dawn,
All these are a dream.
It is forbidden to dream again;
We maim our joys or hide them:
Horses are made of chromium steel
And little fat men shall ride them.
I am the worm who never turned,
The eunuch without a harem;
Between the priest and the commissar
I walk like Eugene Aram;
And the commissar is telling my fortune
While the radio plays,
But the priest has promised an Austin Seven,
For Duggie always pays.
I dreamt I dwelt in marble halls,
And woke to find it true;
I wasn't born for an age like this;
Was Smith? Was Jones? Were you?*

The Spanish war and other events in 1936-37 turned the scale and thereafter I knew where I stood. Every line of serious work that I have written since 1936 has been written, directly or indirectly, *against* totalitarianism and *for* democratic socialism, as I understand it. It seems to me nonsense, in a period like our own, to think that one can avoid writing of such subjects. Everyone writes of them in one guise or another. It is simply a question of which side one takes and what approach one follows. And the more one is conscious of one's political bias, the more chance one has of acting politically without sacrificing one's aesthetic and intellectual integrity.

What I have most wanted to do throughout the past ten years is to make political writing into an art. My starting point is always a feeling of partisanship, a sense of injustice. When I sit down to write a book, I do not say to myself, 'I am going to produce a work of art'. I write it because there

is some lie that I want to expose, some fact to which I want to draw attention, and my initial concern is to get a hearing. But I could not do the work of writing a book, or even a long magazine article, if it were not also an aesthetic experience. Anyone who cares to examine my work will see that even when it is downright propaganda it contains much that a full-time politician would consider irrelevant. I am not able, and do not want, completely to abandon the world view that I acquired in childhood. So long as I remain alive and well I shall continue to feel strongly about prose style, to love the surface of the earth, and to take a pleasure in solid objects and scraps of useless information. It is no use trying to suppress that side of myself. The job is to reconcile my ingrained likes and dislikes with the essentially public, non-individual activities that this age forces on all of us.

It is not easy. It raises problems of construction and of language, and it raises in a new way the problem of truthfulness. Let me give just one example of the cruder kind of difficulty that arises. My book about the Spanish civil war, *Homage To Catalonia*, is of course a frankly political book, but in the main it is written with a certain detachment and regard for form. I did try very hard in it to tell the whole truth without violating my literary instincts. But among other things it contains a long chapter, full of newspaper quotations and the like, defending the Trotskyists who were accused of plotting with Franco. Clearly such a chapter, which after a year or two would lose its interest for any ordinary reader, must ruin the book. A critic whom I respect read me a lecture about it. 'Why did you put in all that stuff?' he said.

'You've turned what might have been a good book into journalism.' What he said was true, but I could not have done otherwise. I happened to know, what very few people in England had been allowed to know, that innocent men were being falsely accused. If I had not been angry about that I should never have written the book.

In one form or another this problem comes up again. The problem of language is subtler and would take too long to discuss. I will only say that of late years I have tried to write less picturesquely and more exactly. In any case I find that by the time you have perfected any style of writing, you have always outgrown it. *Animal Farm* was the first book in which I tried, with full consciousness of what I was doing, to fuse political purpose and artistic purpose into one whole. I have not written a novel for seven years, but I hope to write another fairly soon. It is bound to be a failure, every book is a failure, but I do know with some clarity what kind of book I want to write.

Looking back through the last page or two, I see that I have made it appear as though my motives in writing were wholly public-spirited. I don't want to leave that as the final impression. All writers are vain, selfish, and lazy, and at the very bottom of their motives there lies a mystery. Writing a book is a horrible, exhausting struggle, like a long bout of some painful illness. One would never undertake such a thing if one were not driven on by some demon whom one can neither resist nor understand. For all one knows that demon is simply the same instinct that makes a baby squall for attention. And yet it is also true that one can write nothing readable unless one constantly struggles to efface one's own personality. Good prose is like a windowpane. I cannot say with certainty which of my motives are the strongest, but I know which of them deserve to be followed. And looking back through my work, I see that it is invariably where I lacked a political purpose that I wrote lifeless books and was betrayed into purple passages, sentences without meaning, decorative adjectives and humbug generally.

Summer 1946 of Gangrel magazine



Politics and the english language

Most people who bother with the matter at all would admit that the English language is in a bad way, but it is generally assumed that we cannot by conscious action do anything about it. Our civilization is decadent, and our language—so the argument runs—must inevitably share in the general collapse. It follows that any struggle against the abuse of language is a sentimental archaism, like preferring candles to electric light or hansom cabs to aeroplanes. Underneath this lies the half-conscious belief that language is a natural growth and not an instrument which we shape for our own purposes.

Now, it is clear that the decline of a language must ultimately have political and economic causes: it is not due simply to the bad influence of this or that individual writer. But an effect can become a cause, reinforcing the original cause and producing the same effect in an intensified form, and so on indefinitely. A man may take to drink because he feels himself to be a failure, and then fail all the more completely because he drinks. It is rather the same thing that is happening to the English language. It becomes ugly and inaccurate because our thoughts are foolish, but the slovenliness of our language makes it easier for us to have foolish thoughts. The point is that the process is reversible. Modern English, especially written English, is full of bad habits which spread by imitation and which can be avoided if one is willing to take the necessary trouble. If one gets rid of these habits one can think more clearly, and to think clearly is a necessary first step towards political regeneration: so that the fight against bad English is not frivolous and is not the exclusive concern of professional writers. I will come back to this presently, and I hope that by that time the meaning of what I have said here will have become clearer. Meanwhile, here are five specimens of the English language as it is now habitually written.

These five passages have not been picked out because they are especially bad—I could have quoted far worse if I had chosen—but because they illustrate various of the mental vices from which we now suffer. They are a little below the average, but are fairly representative samples. I number them so that I can refer back to them when necessary:

(1) I am not, indeed, sure whether it is not true to say that the Milton who once seemed not unlike a seventeenth-century Shelley had not become, out of an experience ever more bitter in each year, more alien (sic) to the founder of that Jesuit sect which nothing could induce him to tolerate.

Professor Harold Laski (Essay in Freedom Of Expression)

(2) Above all, we cannot play ducks and drakes with a native battery of idioms which prescribes such egregious collocations of vocables as the Basic Put Up With for Tolerate or Put At A Loss for Bewilder.

Professor Lancelot Hogben (Interglossa)

(3) On the one side we have the free personality; by definition it is not neurotic, for it has neither conflict nor dream. Its desires, such as they are, are transparent, for they are just what institutional approval keeps in the forefront of consciousness; another institutional pattern would alter their number and intensity; there is little in them that is natural, irreducible, or culturally dangerous. But On The Other Side, the social bond itself is nothing but the mutual reflection of these self-secure integrities. Recall the definition of love. Is not this the very picture of a small academic? Where is there a place in this hall of mirrors for either personality or fraternity?

Essay on psychology in Politics (New York)

(4) All the “best people” from the gentlemen’s clubs, and all the frantic fascist captains, united in common hatred of Socialism and bestial horror of the rising tide of the mass revolutionary movement, have turned to acts of provocation, to foul incendiarism, to medieval legends of poisoned wells, to legalize their own destruction of proletarian organizations, and rouse the agitated petty-bourgeoisie to chauvinistic fervor on behalf of the fight against the revolutionary way out of the crisis.

Communist pamphlet

(5) If a new spirit is to be infused into this old country, there is one thorny and contentious reform which must be tackled, and that is the humanization and galvanization of the B.B.C. Timidity here will bespeak canker and atrophy of the soul. The heart of Britain may be sound and of strong beat, for instance, but the British lion’s roar at present is like that of Bottom in

Shakespeare's *Midsummer Night's Dream*—as, gentle as any sucking dove. A virile new Britain cannot continue indefinitely to be traduced in the eyes, or rather ears, of the world by the effete languors of Langham Place, brazenly masquerading as “standard English.” When the Voice of Britain is heard at nine o'clock, better far and infinitely less ludicrous to hear aitches honestly dropped than the present priggish, inflated, inhibited, school-ma'am-ish arch braying of blameless bashful mewing maidens.

Letter in Tribune

Each of these passages has faults of its own, but quite apart from avoidable ugliness, two qualities are common to all of them. The first is staleness of imagery; the other is lack of precision. The writer either has a meaning and cannot express it, or he inadvertently says something else, or he is almost indifferent as to whether his words mean anything or not. This mixture of vagueness and sheer incompetence is the most marked characteristic of modern English prose, and especially of any kind of political writing. As soon as certain topics are raised, the concrete melts into the abstract and no one seems able to think of turns of speech that are not hackneyed: prose consists less and less of words chosen for the sake of their meaning, and more and more of phrases tacked together like the sections of a prefabricated hen-house. I list below, with notes and examples, various of the tricks by means of which the work of prose-construction is habitually dodged:

Dying Metaphors. A newly-invented metaphor assists thought by evoking a visual image, while on the other hand a metaphor which is technically “dead” (e.g., *Iron Resolution*) has in effect reverted to being an ordinary word and can generally be used without loss of vividness. But in between these two classes there is a huge dump of worn-out metaphors which have lost all evocative power and are merely used because they save people the trouble of inventing phrases for themselves. Examples are: *Ring The Changes On, Take Up The Cudgels For, Toe The Line, Ride Roughshod Over, Stand Shoulder To Shoulder With, Play Into The Hands Of, An Axe To Grind, Grist To The Mill, Fishing In Troubled Waters, On The Order Of The Day, Achilles' Heel, Swan Song, Hotbed*. Many of these are used without knowledge of their meaning (what is a “rift,” for instance?), and incompatible metaphors are frequently mixed, a sure sign that the writer is not interested in what he is saying. Some metaphors now current have been twisted out of their original meaning without those who use them even being

aware of the fact. For example, *Toe The Line* is sometimes written *Tow The Line*. Another example is *The Hammer And The Anvil*, now always used with the implication that the anvil gets the worst of it. In real life it is always the anvil that breaks the hammer, never the other way about: a writer who stopped to think what he was saying would be aware of this, and would avoid perverting the original phrase.

Operators, or Verbal False Limbs. These save the trouble of picking out appropriate verbs and nouns, and at the same time pad each sentence with extra syllables which give it an appearance of symmetry. Characteristic phrases are: *Render Inoperative, Militate Against, Prove Unacceptable, Make Contact With, Be Subjected To, Give Rise To, Give Grounds For, Having The Effect Of, Play A Leading Part (Rôle) In, Make Itself Felt, Take Effect, Exhibit A Tendency To, Serve The Purpose Of*, etc., etc. The keynote is the elimination of simple verbs. Instead of being a single word, such as *Break, Stop, Spoil, Mend, Kill*, a verb becomes a *phrase*, made up of a noun or adjective tacked on to some general-purposes verb as *prove, serve, form, play, render*. In addition, the passive voice is wherever possible used in preference to the active, and noun constructions are used instead of gerunds (*by examination of* instead of *by examining*). The range of verbs is further cut down by means of the *'-ize'* and *'de-'* formations, and banal statements are given an appearance of profundity by means of the *not 'un-'* formation. Simple conjunctions and prepositions are replaced by such phrases as *with respect to, having regard to, the fact that, by dint of, in view of, in the interests of, on the hypothesis that*; and the ends of sentences are saved from anti-climax by such resounding commonplaces as *greatly to be desired, cannot be left out of account, a development to be expected in the near future, deserving of serious consideration, brought to a satisfactory conclusion*, and so on and so forth.

Pretentious Diction. Words like *phenomenon, element, individual* (as noun), *objective, categorical, effective, virtual, basis, primary, promote, constitute, exhibit, exploit, utilize, eliminate, liquidate*, are used to dress up simple statements and give an air of scientific impartiality to biased judgments. Adjectives like *epoch-making, epic, historic, unforgettable, triumphant, age-old, inevitable, inexorable, veritable*, are used to dignify the sordid processes of international politics, while writing that aims at glorifying war usually takes on an archaic color, its characteristic words being: *realm, throne, chariot, mailed fist, trident, sword, shield, buckler, banner, jackboot*,

clarion. Foreign words and expressions such as *cul de sac*, *ancien régime*, *deus ex machina*, *mutatis mutandis*, *status quo*, *gleichschaltung*, *weltanschauung*, are used to give an air of culture and elegance. Except for the useful abbreviations *i.e.*, *e.g.*, and *etc.*, there is no real need for any of the hundreds of foreign phrases now current in English. Bad writers, and especially scientific, political and sociological writers, are nearly always haunted by the notion that Latin or Greek words are grander than Saxon ones, and unnecessary words like *expedite*, *ameliorate*, *predict*, *extraneous*, *deracinated*, *clandestine*, *sub-aqueous* and hundreds of others constantly gain ground from their Anglo-Saxon opposite numbers.¹ The jargon peculiar to Marxist writing (*hyena*, *hangman*, *cannibal*, *petty bourgeois*, *these gentry*, *lackey*, *flunkey*, *mad dog*, *white guard*, etc.) consists largely of words and phrases translated from Russian, German or French; but the normal way of coining a new word is to use a Latin or Greek root with the appropriate affix and, where necessary, the ‘-ize’ formation. It is often easier to make up words of this kind (*de-regionalize*, *impermissible*, *extramarital*, *non-fragmentary* and so forth) than to think up the English words that will cover one’s meaning. The result, in general, is an increase in slovenliness and vagueness.

Meaningless Words. In certain kinds of writing, particularly in art criticism and literary criticism, it is normal to come across long passages which are almost completely lacking in meaning.² Words like *romantic*, *plastic*, *values*, *human*, *dead*, *sentimental*, *natural*, *vitality*, as used in art criticism, are strictly meaningless, in the sense that they not only do not point to any discoverable object, but are hardly even expected to do so by the reader. When one critic writes, “The outstanding feature of Mr. X’s work is its living quality,” while another writes, “The immediately striking thing about Mr. X’s work is its peculiar deadness,” the reader accepts this as a simple difference of opinion. If words like *black* and *white* were involved, instead of the jargon words *dead* and *living*, he would see at once that language was being used in an improper way. Many political words are similarly abused. The word *fascism* has now no meaning except in so far as it signifies “something not desirable.” The words *democracy*, *socialism*, *freedom*, *patriotic*, *realistic*, *justice*, have each of them several different meanings which cannot be reconciled with one another. In the case of a word like *democracy*, not only is there no agreed definition, but the attempt to make one is resisted from all sides. It is almost universally felt that when we call a

country democratic we are praising it: consequently the defenders of every kind of regime claim that it is a democracy, and fear that they might have to stop using the word if it were tied down to any one meaning. Words of this kind are often used in a consciously dishonest way. That is, the person who uses them has his own private definition, but allows his hearer to think he means something quite different. Statements like *Marshal Pétain was a true patriot*, *The Soviet press is the freest in the world*, *The Catholic Church is opposed to persecution*, are almost always made with intent to deceive. Other words used in variable meanings, in most cases more or less dishonestly, are: *class*, *totalitarian*, *science*, *progressive*, *reactionary bourgeois*, *equality*.

Now that I have made this catalogue of swindles and perversions, let me give another example of the kind of writing that they lead to. This time it must of its nature be an imaginary one. I am going to translate a passage of good English into modern English of the worst sort. Here is a well-known verse from *Ecclesiastes*:

I returned, and saw under the sun, that the race is not to the swift, nor the battle to the strong, neither yet bread to the wise, nor yet riches to men of understanding, nor yet favor to men of skill; but time and chance happeneth.

Here it is in modern English:

Objective consideration of contemporary phenomena compels the conclusion that success or failure in competitive activities exhibits no tendency to be commensurate with innate capacity, but that a considerable element of the unpredictable must invariably be taken into account.

This is a parody, but not a very gross one. Exhibit (3), above, for instance, contains several patches of the same kind of English. It will be seen that I have not made a full translation. The beginning and ending of the sentence follow the original meaning fairly closely, but in the middle the concrete illustrations—race, battle, bread—dissolve into the vague phrase “success or failure in competitive activities.” This had to be so, because no modern writer of the kind I am discussing—no one capable of using phrases like “objective consideration of contemporary phenomena”—would ever tabulate his thoughts in that precise and detailed way. The whole tendency of modern prose is away from concreteness. Now analyze these two sentences a little

more closely. The first contains 49 words but only 60 syllables, and all its words are those of everyday life. The second contains 38 words of 90 syllables: 18 of its words are from Latin roots, and one from Greek. The first sentence contains six vivid images, and only one phrase (“time and chance”) that could be called vague. The second contains not a single fresh, arresting phrase, and in spite of its 90 syllables it gives only a shortened version of the meaning contained in the first. Yet without a doubt it is the second kind of sentence that is gaining ground in modern English. I do not want to exaggerate. This kind of writing is not yet universal, and outcrops of simplicity will occur here and there in the worst-written page. Still, if you or I were told to write a few lines on the uncertainty of human fortunes, we should probably come much nearer to my imaginary sentence than to the one from *Ecclesiastes*.

As I have tried to show, modern writing at its worst does not consist in picking out words for the sake of their meaning and inventing images in order to make the meaning clearer. It consists in gumming together long strips of words which have already been set in order by someone else, and making the results presentable by sheer humbug. The attraction of this way of writing, is that it is easy. It is easier—even quicker, once you have the habit—to say *in my opinion it is a not unjustifiable assumption that* than to say *I think*. If you use ready-made phrases, you not only don’t have to hunt about for words; you also don’t have to bother with the rhythms of your sentences, since these phrases are generally so arranged as to be more or less euphonious. When you are composing in a hurry—when you are dictating to a stenographer, for instance, or making a public speech it is natural to fall into a pretentious, Latinized style. Tags like *a consideration which we should do well to bear in mind or a conclusion to which all of us would readily assent* will save many a sentence from coming down with a bump. By using stale metaphors, similes and idioms, you save much mental effort at the cost of leaving your meaning vague, not only for your reader but for yourself. This is the significance of mixed metaphors. The sole aim of a metaphor is to call up a visual image. When these images clash—as in *the fascist octopus has sung its swan song, the jackboot is thrown into the melting pot*—it can be taken as certain that the writer is not seeing a mental image of the objects he is naming; in other words he is not really thinking. Look again at the examples I gave at the beginning of this essay. Professor Laski (1) uses five negatives in 53 words. One of these is superfluous,

making nonsense of the whole passage, and in addition there is the slip *alien* for *akin*, making further nonsense, and several avoidable pieces of clumsiness which increase the general vagueness. Professor Hogben (2) plays ducks and drakes with a battery which is able to write prescriptions, and, while disapproving of the everyday phrase *put up with*, is unwilling to look *egregious* up in the dictionary and see what it means. (3), if one takes an uncharitable attitude towards it, is simply meaningless: probably one could work out its intended meaning by reading the whole of the article in which it occurs. In (4), the writer knows more or less what he wants to say, but an accumulation of stale phrases chokes him like tea leaves blocking a sink. In (5), words and meaning have almost parted company. People who write in this manner usually have a general emotional meaning—they dislike one thing and want to express solidarity with another—but they are not interested in the detail of what they are saying. A scrupulous writer, in every sentence that he writes, will ask himself at least four questions, thus: What am I trying to say? What words will express it? What image or idiom will make it clearer? Is this image fresh enough to have an effect? And he will probably ask himself two more: Could I put it more shortly? Have I said anything that is avoidably ugly? But you are not obliged to go to all this trouble. You can shirk it by simply throwing your mind open and letting the ready-made phrases come crowding in. They will construct your sentences for you—even think your thoughts for you, to a certain extent—and at need they will perform the important service of partially concealing your meaning even from yourself. It is at this point that the special connection between politics and the debasement of language becomes clear.

In our time it is broadly true that political writing is bad writing. Where it is not true, it will generally be found that the writer is some kind of rebel, expressing his private opinions and not a “party line.” Orthodoxy, of whatever color, seems to demand a lifeless, imitative style. The political dialects to be found in pamphlets, leading articles, manifestoes, White Papers and the speeches of under-secretaries do, of course, vary from party to party, but they are all alike in that one almost never finds in them a fresh, vivid, home-made turn of speech. When one watches some tired hack on the platform mechanically repeating the familiar phrases—*bestial atrocities*, *iron heel*, *bloodstained tyranny*, *free peoples of the world*, *stand shoulder to shoulder*—one often has a curious feeling that one is not watching a live human being but some kind of dummy: a feeling which suddenly becomes

stronger at moments when the light catches the speaker's spectacles and turns them into blank discs which seem to have no eyes behind them. And this is not altogether fanciful. A speaker who uses that kind of phraseology has gone some distance towards turning himself into a machine. The appropriate noises are coming out of his larynx, but his brain is not involved as it would be if he were choosing his words for himself. If the speech he is making is one that he is accustomed to make over and over again, he may be almost unconscious of what he is saying, as one is when one utters the responses in church. And this reduced state of consciousness, if not indispensable, is at any rate favorable to political conformity.

In our time, political speech and writing are largely the defense of the indefensible. Things like the continuance of British rule in India, the Russian purges and deportations, the dropping of the atom bombs on Japan, can indeed be defended, but only by arguments which are too brutal for most people to face, and which do not square with the professed aims of political parties. Thus political language has to consist largely of euphemism, question-begging and sheer cloudy vagueness. Defenseless villages are bombarded from the air, the inhabitants driven out into the countryside, the cattle machine-gunned, the huts set on fire with incendiary bullets: this is called *pacification*. Millions of peasants are robbed of their farms and sent trudging along the roads with no more than they can carry: this is called *transfer of population* or *rectification of frontiers*. People are imprisoned for years without trial, or shot in the back of the neck or sent to die of scurvy in Arctic lumber camps: this is called *elimination of unreliable elements*. Such phraseology is needed if one wants to name things without calling up mental pictures of them. Consider for instance some comfortable English professor defending Russian totalitarianism. He cannot say outright, "I believe in killing off your opponents when you can get good results by doing so." Probably, therefore, he will say something like this:

While freely conceding that the Soviet régime exhibits certain features which the humanitarian may be inclined to deplore, we must, I think, agree that a certain curtailment of the right to political opposition is an unavoidable concomitant of transitional periods, and that the rigors which the Russian people have been called upon to undergo have been amply justified in the sphere of concrete achievement.

The inflated style is itself a kind of euphemism. A mass of Latin words falls upon the facts like soft snow, blurring the outlines and covering up all the details. The great enemy of clear language is insincerity. When there is a gap between one's real and one's declared aims, one turns, as it were instinctively, to long words and exhausted idioms, like a cuttlefish squirting out ink. In our age there is no such thing as "keeping out of politics." All issues are political issues, and politics itself is a mass of lies, evasions, folly, hatred and schizophrenia. When the general atmosphere is bad, language must suffer. I should expect to find—this is a guess which I have not sufficient knowledge to verify—that the German, Russian and Italian languages have all deteriorated in the last ten or fifteen years as a result of dictatorship.

But if thought corrupts language, language can also corrupt thought. A bad usage can spread by tradition and imitation, even among people who should and do know better. The debased language that I have been discussing is in some ways very convenient. Phrases like *a not unjustifiable assumption*, *leaves much to be desired*, *would serve no good purpose*, *a consideration which we should do well to bear in mind*, are a continuous temptation, a packet of aspirins always at one's elbow. Look back through this essay, and for certain you will find that I have again and again committed the very faults I am protesting against. By this morning's post I have received a pamphlet dealing with conditions in Germany. The author tells me that he "felt impelled" to write it. I open it at random, and here is almost the first sentence that I see: "[The Allies] have an opportunity not only of achieving a radical transformation of Germany's social and political structure in such a way as to avoid a nationalistic reaction in Germany itself, but at the same time of laying the foundations of a cooperative and unified Europe." You see, he "feels impelled" to write—feels, presumably, that he has something new to say—and yet his words, like cavalry horses answering the bugle, group themselves automatically into the familiar dreary pattern. This invasion of one's mind by ready-made phrases (*lay the foundations*, *achieve a radical transformation*) can only be prevented if one is constantly on guard against them, and every such phrase anesthetizes a portion of one's brain.

I said earlier that the decadence of our language is probably curable. Those who deny this would argue, if they produced an argument at all, that language merely reflects existing social conditions, and that we cannot influence its development by any direct tinkering with words and

constructions. So far as the general tone or spirit of a language goes, this may be true, but it is not true in detail. Silly words and expressions have often disappeared, not through any evolutionary process but owing to the conscious action of a minority. Two recent examples were *explore every avenue* and *leave no stone unturned*, which were killed by the jeers of a few journalists. There is a long list of fly-blown metaphors which could similarly be got rid of if enough people would interest themselves in the job; and it should also be possible to laugh the *not* 'un-' formation out of existence,³ to reduce the amount of Latin and Greek in the average sentence, to drive out foreign phrases and strayed scientific words, and, in general, to make pretentiousness unfashionable. But all these are minor points. The defense of the English language implies more than this, and perhaps it is best to start by saying what it does *not* imply.

To begin with, it has nothing to do with archaism, with the salvaging of obsolete words and turns of speech, or with the setting-up of a "standard-English" which must never be departed from. On the contrary, it is especially concerned with the scrapping of every word or idiom which has outworn its usefulness. It has nothing to do with correct grammar and syntax, which are of no importance so long as one makes one's meaning clear, or with the avoidance of Americanisms, or with having what is called a "good prose style." On the other hand it is not concerned with fake simplicity and the attempt to make written English colloquial. Nor does it even imply in every case preferring the Saxon word to the Latin one, though it does imply using the fewest and shortest words that will cover one's meaning. What is above all needed is to let the meaning choose the word, and not the other way about. In prose, the worst thing one can do with words is to surrender them. When you think of a concrete object, you think wordlessly, and then, if you want to describe the thing you have been visualizing, you probably hunt about till you find the exact words that seem to fit it. When you think of something abstract you are more inclined to use words from the start, and unless you make a conscious effort to prevent it, the existing dialect will come rushing in and do the job for you, at the expense of blurring or even changing your meaning. Probably it is better to put off using words as long as possible and get one's meaning as clear as one can through pictures or sensations. Afterwards one can choose not simply *accept*—the phrases that will best cover the meaning, and then switch round and decide what impressions one's words are likely to make on another person. This last

effort of the mind cuts out all stale or mixed images, all prefabricated phrases, needless repetitions, and humbug and vagueness generally. But one can often be in doubt about the effect of a word or a phrase, and one needs rules that one can rely on when instinct fails. I think the following rules will cover most cases:

- (i) Never use a metaphor, simile or other figure of speech which you are used to seeing in print.
- (ii) Never use a long word where a short one will do.
- (iii) If it is possible to cut a word out, always cut it out.
- (iv) Never use the passive where you can use the active.
- (v) Never use a foreign phrase, a scientific word or a jargon word if you can think of an everyday English equivalent.
- (vi) Break any of these rules sooner than say anything barbarous.

These rules sound elementary, and so they are, but they demand a deep change of attitude in anyone who has grown used to writing in the style now fashionable. One could keep all of them and still write bad English, but one could not write the kind of stuff that I quoted in these five specimens at the beginning of this article.

I have not here been considering the literary use of language, but merely language as an instrument for expressing and not for concealing or preventing thought. Stuart Chase and others have come near to claiming that all abstract words are meaningless, and have used this as a pretext for advocating a kind of political quietism. Since you don't know what Fascism is, how can you struggle against Fascism? One need not swallow such absurdities as this, but one ought to recognize that the present political chaos is connected with the decay of language, and that one can probably bring about some improvement by starting at the verbal end. If you simplify your English, you are freed from the worst follies of orthodoxy. You cannot speak any of the necessary dialects, and when you make a stupid remark its stupidity will be obvious, even to yourself. Political language—and with variations this is true of all political parties, from Conservatives to Anarchists—is designed to make lies sound truthful and murder respectable, and to give an appearance of solidity to pure wind. One cannot change this all in a moment, but one can at least change one's own habits, and from time to time one can even, if one jeers loudly enough, send some worn-out and useless phrase—some *jackboot*, *achilles' heel*, *hotbed*, *melting pot*, *acid test*,

veritable inferno or other lump of verbal refuse—into the dustbin where it belongs.

Payments Book, october, 1945; Horizon, april, 1946



Politics vs. Literature: an examination of Gulliver's Travels

In Gulliver's Travels humanity is attacked, or criticized, from at least three different angles, and the implied character of Gulliver himself necessarily changes somewhat in the process. In Part I he is the typical eighteenth-century voyager, bold, practical and unromantic, his homely outlook skilfully impressed on the reader by the biographical details at the beginning, by his age (he is a man of forty, with two children, when his adventures start), and by the inventory of the things in his pockets, especially his spectacles, which make several appearances. In Part II he has in general the same character, but at moments when the story demands it he has a tendency to develop into an imbecile who is capable of boasting of "our noble Country, the Mistress of Arts and Arms, the Scourge of France", etc., etc., and at the same time of betraying every available scandalous fact about the country which he professes to love. In Part III he is much as he was in Part I, though, as he is consorting chiefly with courtiers and men of learning, one has the impression that he has risen in the social scale. In Part IV he conceives a horror of the human race which is not apparent, or only intermittently apparent, in the earlier books, and changes into a sort of unreligious anchorite whose one desire is to live in some desolate spot where he can devote himself to meditating on the goodness of the Houyhnhnms. However, these inconsistencies are forced upon Swift by the fact that Gulliver is there chiefly to provide a contrast. It is necessary, for instance, that he should appear sensible in Part I and at least intermittently silly in Part II because in both books the essential manoeuvre is the same, i.e. to make the human being look ridiculous by imagining him as a creature six inches high. Whenever Gulliver is not acting as a stooge there is a sort of continuity in his character, which comes out especially in his resourcefulness and his observation of physical detail. He is much the same kind of person, with the same prose style, when he bears off the warships of Blefuscu, when he rips open the belly of the monstrous rat, and when he sails away upon the ocean in his frail coracle made from the skins of Yahoos. Moreover, it is difficult not to feel that in his shrewder moments Gulliver is simply Swift himself,

and there is at least one incident in which Swift seems to be venting his private grievance against contemporary Society. It will be remembered that when the Emperor of Lilliput's palace catches fire, Gulliver puts it out by urinating on it. Instead of being congratulated on his presence of mind, he finds that he has committed a capital offence by making water in the precincts of the palace, and

I was privately assured, that the Empress, conceiving the greatest Abhorrence of what I had done, removed to the most distant Side of the Court, firmly resolved that those buildings should never be repaired for her Use; and, in the Presence of her chief Confidants, could not forbear vowing Revenge.

According to Professor G. M. Trevelyan (*England Under Queen Anne*), part of the reason for Swift's failure to get preferment was that the Queen was scandalized by *A Tale Of A Tub*—a pamphlet in which Swift probably felt that he had done a great service to the English Crown, since it scarifies the Dissenters and still more the Catholics while leaving the Established Church alone. In any case no one would deny that *Gulliver's Travels* is a rancorous as well as a pessimistic book, and that especially in Parts I and III it often descends into political partisanship of a narrow kind. Pettiness and magnanimity, republicanism and authoritarianism, love of reason and lack of curiosity, are all mixed up in it. The hatred of the human body with which Swift is especially associated is only dominant in Part IV, but somehow this new preoccupation does not come as a surprise. One feels that all these adventures, and all these changes of mood, could have happened to the same person, and the inter-connexion between Swift's political loyalties and his ultimate despair is one of the most interesting features of the book.

Politically, Swift was one of those people who are driven into a sort of perverse Toryism by the follies of the progressive party of the moment. Part I of *Gulliver's Travels*, ostensibly a satire on human greatness, can be seen, if one looks a little deeper, to be simply an attack on England, on the dominant Whig Party, and on the war with France, which—however bad the motives of the Allies may have been—did save Europe from being tyrannized over by a single reactionary power. Swift was not a Jacobite nor strictly speaking a Tory, and his declared aim in the war was merely a moderate peace treaty and not the outright defeat of England. Nevertheless there is a tinge of quislingism in his attitude, which comes out in the ending of Part I and slightly interferes with the allegory. When Gulliver flees from

Lilliput (England) to Blefuscu (France) the assumption that a human being six inches high is inherently contemptible seems to be dropped. Whereas the people of Lilliput have behaved towards Gulliver with the utmost treachery and meanness, those of Blefuscu behave generously and straightforwardly, and indeed this section of the book ends on a different note from the all-round disillusionment of the earlier chapters. Evidently Swift's animus is, in the first place, against *England*. It is "your Natives" (i.e. Gulliver's fellow-countrymen) whom the King of Brobdingnag considers to be "the most pernicious Race of little odious vermin that Nature ever suffered to crawl upon the surface of the Earth", and the long passage at the end, denouncing colonization and foreign conquest, is plainly aimed at England, although the contrary is elaborately stated. The Dutch, England's allies and target of one of Swift's most famous pamphlets, are also more or less wantonly attacked in Part III. There is even what sounds like a personal note in the passage in which Gulliver records his satisfaction that the various countries he has discovered cannot be made colonies of the British Crown:

The Houyhnhnms, indeed, appear not to be so well prepared for War, a Science to which they are perfect Strangers, and especially against missive Weapons. However, supposing myself to be a Minister of State, I could never give my advice for invading them...Imagine twenty thousand of them breaking into the midst of an European army, confounding the Ranks, overturning the Carriages, battering the Warriors' Faces into Mummy, by terrible Yerks from their hinder hoofs...

Considering that Swift does not waste words, that phrase, "battering the warriors' faces into mummy", probably indicates a secret wish to see the invincible armies of the Duke of Marlborough treated in a like manner. There are similar touches elsewhere. Even the country mentioned in Part III, where "the Bulk of the People consist, in a Manner, wholly of Discoverers, Witnesses, Informers, Accusers, Prosecutors, Evidences, Swearers, together with their several subservient and subaltern Instruments, all under the Colours, the Conduct, and Pay of Ministers of State", is called Langdon, which is within one letter of being an anagram of England. (As the early editions of the book contain misprints, it may perhaps have been intended as a complete anagram.) Swift's *physical* repulsion from humanity is certainly real enough, but one has the feeling that his debunking of human grandeur, his diatribes against lords, politicians, court favourites, etc., has mainly a

local application and springs from the fact that he belonged to the unsuccessful party. He denounces injustice and oppression, but he gives no evidence of liking democracy. In spite of his enormously greater powers, his implied position is very similar to that of the innumerable silly-clever Conservatives of our own day—people like Sir Alan Herbert, Professor G. M. Young, Lord Elton, the Tory Reform Committee or the long line of Catholic apologists from W. H. Mallock onwards: people who specialize in cracking neat jokes at the expense of whatever is “modern” and “progressive”, and whose opinions are often all the more extreme because they know that they cannot influence the actual drift of events. After all, such a pamphlet as *an argument to prove that the abolishing of Christianity*, etc., is very like “Timothy Shy” having a bit of clean fun with the Brains Trust, or Father Ronald Knox exposing the errors of Bertrand Russell. And the ease with which Swift has been forgiven—and forgiven, sometimes, by devout believers—for the blasphemies of *A Tale Of A Tub* demonstrates clearly enough the feebleness of religious sentiments as compared with political ones.

However, the reactionary cast of Swift’s mind does not show itself chiefly in his political affiliations. The important thing is his attitude towards Science, and, more broadly, towards intellectual curiosity. The famous Academy of Lagado, described in Part III of *Gulliver’s Travels*, is no doubt a justified satire on most of the so-called scientists of Swift’s own day. Significantly, the people at work in it are described as “Projectors”, that is, people not engaged in disinterested research but merely on the look-out for gadgets which will save labour and bring in money. But there is no sign—indeed, all through the book there are many signs to the contrary—that “pure” science would have struck Swift as a worth-while activity. The more serious kind of scientist has already had a kick in the pants in Part II, when the “Scholars” patronized by the King of Brobdingnag try to account for Gulliver’s small stature:

After much Debate, they concluded unanimously that I was only relplum scalcath, which is interpreted literally, lusus naturae, a Determination exactly agreeable to the modern philosophy of Europe, whose Professors, disdaining the old Evasion of occult causes, whereby the followers of Aristotle endeavoured in vain to disguise their Ignorance, have invented this wonderful solution of

All Difficulties, to the unspeakable Advancement of human Knowledge.

If this stood by itself one might assume that Swift is merely the enemy of *sham* science. In a number of places, however, he goes out of his way to proclaim the uselessness of all learning or speculation not directed towards some practical end:

The learning of (the Brobdingnagians) is very defective, consisting only in Morality, History, Poetry, and Mathematics, wherein they must be allowed to excel. But, the last of these is wholly applied to what may be useful in Life, to the improvement of Agriculture, and all mechanical Arts so that among us it would be little esteemed. And as to Ideas, Entities, Abstractions, and Transcendentals, I could never drive the least Conception into their Heads.

The Houyhnhnms, Swift's ideal beings, are backward even in a mechanical sense. They are unacquainted with metals, have never heard of boats, do not, properly speaking, practise agriculture (we are told that the oats which they live upon "grow naturally"), and appear not to have invented wheels.⁴ They have no alphabet, and evidently have not much curiosity about the physical world. They do not believe that any inhabited country exists beside their own, and though they understand the motions of the sun and moon, and the nature of eclipses, "this is the utmost progress of their *astronomy*". By contrast, the philosophers of the flying island of Laputa are so continuously absorbed in mathematical speculations that before speaking to them one has to attract their attention by flapping them on the ear with a bladder. They have catalogued ten thousand fixed stars, have settled the periods of ninety-three comets, and have discovered, in advance of the astronomers of Europe, that Mars has two moons—all of which information Swift evidently regards as ridiculous, useless and uninteresting. As one might expect, he believes that the scientist's place, if he has a place, is in the laboratory, and that scientific knowledge has no bearing on political matters:

What I...thought altogether unaccountable, was the strong Disposition I observed in them towards News and Politics, perpetually enquiring into Public Affairs, giving their judgements in Matters of State, and passionately disputing every inch of a Party Opinion. I have, indeed, observed the same Disposition among most of the Mathematicians I have known in Europe, though I could never discover the least Analogy between the two

Sciences; unless those people suppose, that, because the smallest Circle hath as many Degrees as the largest, therefore the Regulation and Management of the World require no more Abilities, than the Handling and Turning of a Globe.

Is there not something familiar in that phrase “I could never discover the least analogy between the two sciences”? It has precisely the note of the popular Catholic apologists who profess to be astonished when a scientist utters an opinion on such questions as the existence of God or the immortality of the soul. The scientist, we are told, is an expert only in one restricted field: why should his opinions be of value in any other? The implication is that theology is just as much an exact science as, for instance, chemistry, and that the priest is also an expert whose conclusions on certain subjects must be accepted. Swift in effect makes the same claim for the politician, but he goes one better in that he will not allow the scientist—either the “pure” scientist or the ad hoc investigator—to be a useful person in his own line. Even if he had not written Part III of *Gulliver’s Travels*, one could infer from the rest of the book that, like Tolstoy and like Blake, he hates the very idea of studying the processes of Nature. The “Reason” which he so admires in the Houyhnhnms does not primarily mean the power of drawing logical inferences from observed facts. Although he never defines it, it appears in most contexts to mean either common sense—i.e. acceptance of the obvious and contempt for quibbles and abstractions—or absence of passion and superstition. In general he assumes that we know all that we need to know already, and merely use our knowledge incorrectly. Medicine, for instance, is a useless science, because if we lived in a more natural way, there would be no diseases. Swift, however, is not a simple-lifer or an admirer of the Noble Savage. He is in favour of civilization and the arts of civilization. Not only does he see the value of good manners, good conversation, and even learning of a literary and historical kind, he also sees that agriculture, navigation and architecture need to be studied and could with advantages be improved. But his implied aim is a static, incurious civilization—the world of his own day, a little cleaner, a little saner, with no radical change and no poking into the unknowable. More than one would expect in anyone so free from accepted fallacies, he reveres the past, especially classical antiquity, and believes that modern man has degenerated sharply during the past hundred years.⁵ In the island of sorcerers, where the spirits of the dead can be called up at will:

I desired that the Senate of Rome might appear before me in one large chamber, and a modern Representative in Counterview, in another. The first seemed to be an Assembly of Heroes and Demy-Gods, the other a Knot of Pedlars, Pick-pockets, Highwaymen and Bullies.

Although Swift uses this section of Part III to attack the truthfulness of recorded history, his critical spirit deserts him as soon as he is dealing with Greeks and Romans. He remarks, of course, upon the corruption of imperial Rome, but he has an almost unreasoning admiration for some of the leading figures of the ancient world:

I was struck with profound Veneration at the sight of *Brutus*, and could easily discover the most consummate Virtue, the greatest Intrepidity and Firmness of Mind, the truest Love of his Country, and general Benevolence for Mankind, in every Lineament of his Countenance...I had the honour to have much Conversation with *Brutus*, and was told, that his Ancestors *Junius*, *Socrates*, *Epaminondas*, *Cato* the younger, *Sir Thomas More*, and himself, were perpetually together: a *Sextumvirate*, to which all the Ages of the World cannot add a seventh.

It will be noticed that of these six people, only one is a Christian. This is an important point. If one adds together Swift's pessimism, his reverence for the past, his incuriosity and his horror of the human body, one arrives at an attitude common among religious reactionaries—that is, people who defend an unjust order of Society by claiming that this world cannot be substantially improved and only the “next world” matters. However, Swift shows no sign of having any religious beliefs, at least in any ordinary sense of the words. He does not appear to believe seriously in life after death, and his idea of goodness is bound up with republicanism, love of liberty, courage, “benevolence” (meaning in effect public spirit), “reason” and other pagan qualities. This reminds one that there is another strain in Swift, not quite congruous with his disbelief in progress and his general hatred of humanity.

To begin with, he has moments when he is “constructive” and even “advanced”. To be occasionally inconsistent is almost a mark of vitality in Utopia books, and Swift sometimes inserts a word of praise into a passage that ought to be purely satirical. Thus, his ideas about the education of the young are fathered on to the Lilliputians, who have much the same views on this subject as the Houyhnhnms. The Lilliputians also have various social and legal institutions (for instance, there are old age pensions, and people are

rewarded for keeping the law as well as punished for breaking it) which Swift would have liked to see prevailing in his own country. In the middle of this passage Swift remembers his satirical intention and adds, “In relating these and the following Laws, I would only be understood to mean the original Institutions, and not the most scandalous Corruptions into which these people are fallen by the degenerate Nature of Man” but as Lilliput is supposed to represent England, and the laws he is speaking of have never had their parallel in England, it is clear that the impulse to make constructive suggestions has been too much for him. But Swift’s greatest contribution to political thought in the narrower sense of the words, is his attack, especially in Part III, on what would now be called totalitarianism. He has an extraordinarily clear prevision of the spy-haunted “police State”, with its endless heresy-hunts and treason trials, all really designed to neutralize popular discontent by changing it into war hysteria. And one must remember that Swift is here inferring the whole from a quite small part, for the feeble governments of his own day did not give him illustrations ready-made. For example, there is the professor at the School of Political Projectors who “shewed me a large Paper of Instructions for discovering Plots and Conspiracies”, and who claimed that one can find people’s secret thoughts by examining their excrement:

Because Men are never so serious, thoughtful, and intent, as when they are at Stool, which he found by frequent Experiment: for in such Conjectures, when he used merely as a trial to consider what was the best Way of murdering the King, his Ordure would have a tincture of Green; but quite different when he thought only of raising an Insurrection, or burning the Metropolis.

The professor and his theory are said to have been suggested to Swift by the—from our point of view—not particularly astonishing or disgusting fact that in a recent State trial some letters found in somebody’s privy had been put in evidence. Later in the same chapter we seem to be positively in the middle of the Russian purges:

In the Kingdom of Tribnia, by the Natives called Langdon...the Bulk of the People consist, in a Manner, wholly of Discoverers, Witnesses, Informers, Accusers, Prosecutors, Evidences, Swearers...It is first agreed, and settled among them, what suspected Persons shall be accused of a Plot: Then, effectual Care is taken to secure all their Letters and Papers, and put the Owners

in Chains. These papers are delivered to a Sett of Artists, very dexterous in finding out the mysterious Meanings of Words, Syllables, and Letters... Where this method fails, they have two others more effectual, which the Learned among them call acrostics and anagrams. First, they can decypher all initial Letters into political Meanings: Thus: N shall signify a Plot, B a Regiment of Horse, L a Fleet at Sea: Or, secondly, by transposing the Letters of the Alphabet in any suspected Paper, they can lay open the deepest Designs of a discontented Party. So, for Example if I should say in a Letter to a Friend, our brother Tom has just got the piles, a skilful Decypherer would discover that the same Letters, which compose that Sentence, may be analysed in the following Words: Resist—a plot is brought home the tour (Note: tower). And this is the anagrammatic method.

Other professors at the same school invent simplified languages, write books by machinery, educate their pupils by inscribing the lesson on a wafer and causing them to swallow it, or propose to abolish individuality altogether by cutting off part of the brain of one man and grafting it on to the head of another. There is something queerly familiar in the atmosphere of these chapters, because, mixed up with much fooling, there is a perception that one of the aims of totalitarianism is not merely to make sure that people will think the right thoughts, but actually to make them less conscious. Then, again, Swift's account of the Leader who is usually to be found ruling over a tribe of Yahoos, and of the "favourite" who acts first as a dirty-worker and later as a scapegoat, fits remarkably well into the pattern of our own times. But are we to infer from all this that Swift was first and foremost an enemy of tyranny and a champion of the free intelligence? No: his own views, so far as one can discern them, are not markedly liberal. No doubt he hates lords, kings, bishops, generals, ladies of fashion, orders, titles and flummery generally, but he does not seem to think better of the common people than of their rulers, or to be in favour of increased social equality, or to be enthusiastic about representative institutions. The Houyhnhnms are organized upon a sort of caste system which is racial in character, the horses which do the menial work being of different colours from their masters and not interbreeding with them. The educational system which Swift admires in the Lilliputians takes hereditary class distinctions for granted, and the children of the poorest classes do not go to school, because "their Business

being only to till and cultivate the Earth... therefore their Education is of little Consequence to the Public". Nor does he seem to have been strongly in favour of freedom of speech and the Press, in spite of the toleration which his own writings enjoyed. The King of Brobdingnag is astonished at the multiplicity of religious and political sects in England, and considers that those who hold "opinions prejudicial to the public" (in the context this seems to mean simply heretical opinions), though they need not be obliged to change them, ought to be obliged to conceal them: for "as it was Tyranny in any Government to require the first, so it was weakness not to enforce the second". There is a subtler indication of Swift's own attitude in the manner in which Gulliver leaves the land of the Houyhnhnms. Intermittently, at least. Swift was a kind of anarchist, and Part IV of Gulliver's Travels is a picture of an anarchistic Society, not governed by law in the ordinary sense, but by the dictates of "Reason", which are voluntarily accepted by everyone. The General Assembly of the Houyhnhnms "exhorts" Gulliver's master to get rid of him, and his neighbours put pressure on him to make him comply. Two reasons are given. One is that the presence of this unusual Yahoo may unsettle the rest of the tribe, and the other is that a friendly relationship between a Houyhnhnm and a Yahoo is "not agreeable to Reason or Nature, or a Thing ever heard of before among them". Gulliver's master is somewhat unwilling to obey, but the "exhortation" (a Houyhnhnm, we are told, is never compelled to do anything, he is merely "exhorted" or "advised") cannot be disregarded. This illustrates very well the totalitarian tendency which is explicit in the anarchist or pacifist vision of Society. In a Society in which there is no law, and in theory no compulsion, the only arbiter of behaviour is public opinion. But public opinion, because of the tremendous urge to conformity in gregarious animals, is less tolerant than any system of law. When human beings are governed by "thou shalt not", the individual can practise a certain amount of eccentricity: when they are supposedly governed by "love" or "reason", he is under continuous pressure to make him behave and think in exactly the same way as everyone else. The Houyhnhnms, we are told, were unanimous on almost all subjects. The only question they ever discussed was how to deal with the Yahoos. Otherwise there was no room for disagreement among them, because the truth is always either self-evident, or else it is undiscoverable and unimportant. They had apparently no word for "opinion" in their language, and in their conversations there was no "difference of sentiments". They had reached, in fact, the highest stage of

totalitarian organization, the stage when conformity has become so general that there is no need for a police force. Swift approves of this kind of thing because among his many gifts neither curiosity nor good-nature was included. Disagreement would always seem to him sheer perversity.

“Reason,” among the Houyhnhnms, he says, “is not a Point Problematical, as with us, where men can argue with Plausibility on both Sides of a Question; but strikes you with immediate Conviction; as it must needs do, where it is not mingled, obscured, or discoloured by Passion and Interest.” In other words, we know everything already, so why should dissident opinions be tolerated? The totalitarian Society of the Houyhnhnms, where there can be no freedom and no development, follows naturally from this.

We are right to think of Swift as a rebel and iconoclast, but except in certain secondary matters, such as his insistence that women should receive the same education as men, he cannot be labelled “Left”. He is a Tory anarchist, despising authority while disbelieving in liberty, and preserving the aristocratic outlook while seeing clearly that the existing aristocracy is degenerate and contemptible. When Swift utters one of his characteristic diatribes against the rich and powerful, one must probably, as I said earlier, write off something for the fact that he himself belonged to the less successful party, and was personally disappointed. The “outs”, for obvious reasons, are always more radical than the “ins”.⁶ But the most essential thing in Swift is his inability to believe that life—ordinary life on the solid earth, and not some rationalized, deodorized version of it—could be made worth living. Of course, no honest person claims that happiness is now a normal condition among adult human beings; but perhaps it could be made normal, and it is upon this question that all serious political controversy really turns. Swift has much in common more, I believe, than has been noticed—with Tolstoy, another disbeliever in the possibility of happiness. In both men you have the same anarchistic outlook covering an authoritarian cast of mind; in both a similar hostility to Science, the same impatience with opponents, the same inability to see the importance of any question not interesting to themselves; and in both cases a sort of horror of the actual process of life, though in Tolstoy’s case it was arrived at later and in a different way. The sexual unhappiness of the two men was not of the same kind, but there was this in common, that in both of them a sincere loathing was mixed up with a morbid fascination. Tolstoy was a reformed rake who ended by preaching complete celibacy, while continuing to practise the opposite into extreme old

age. Swift was presumably impotent, and had an exaggerated horror of human dung: he also thought about it incessantly, as is evident throughout his works. Such people are not likely to enjoy even the small amount of happiness that falls to most human beings, and, from obvious motives, are not likely to admit that earthly life is capable of much improvement. Their incuriosity, and hence their intolerance, spring from the same root.

Swift's disgust, rancour and pessimism would make sense against the background of a "next world" to which this one is the prelude. As he does not appear to believe seriously in any such thing, it becomes necessary to construct a paradise supposedly existing on the surface of the earth, but something quite different from anything we know, with all that he disapproves of—lies, folly, change, enthusiasm, pleasure, love and dirt—eliminated from it. As his ideal being he chooses the horse, an animal whose excrement is not offensive. The Houyhnhnms are dreary beasts—this is so generally admitted that the point is not worth labouring. Swift's genius can make them credible, but there can have been very few readers in whom they have excited any feeling beyond dislike. And this is not from wounded vanity at seeing animals preferred to men; for, of the two, the Houyhnhnms are much liker to human beings than are the Yahoos, and Gulliver's horror of the Yahoos, together with his recognition that they are the same kind of creature as himself, contains a logical absurdity. This horror comes upon him at his very first sight of them. "I never beheld," he says, "in all my Travels, so disagreeable an Animal, nor one against which I naturally conceived so strong an Antipathy." But in comparison with what are the Yahoos disgusting? Not with the Houyhnhnms, because at this time Gulliver has not seen a Houyhnhnm. It can only be in comparison with himself, i.e. with a human being. Later, however, we are to be told that the Yahoos are human beings, and human society becomes insupportable to Gulliver because all men are Yahoos. In that case why did he not conceive his disgust of humanity earlier? In effect we are told that the Yahoos are fantastically different from men, and yet are the same. Swift has over-reached himself in his fury, and is shouting at his fellow-creatures, "You are filthier than you are!" However, it is impossible to feel much sympathy with the Yahoos, and it is not because they oppress the Yahoos that the Houyhnhnms are unattractive. They are unattractive because the "Reason" by which they are governed is really a desire for death. They are exempt from love, friendship, curiosity, fear, sorrow and—except in their feelings towards the Yahoos, who

occupy rather the same place in their community as the Jews in Nazi Germany—anger and hatred. “They have no Fondness for their Colts or Foles, but the Care they take, in educating them, proceeds entirely from the Dictates of reason.” They lay store by “Friendship” and “Benevolence”, but “these are not confined to particular Objects, but universal to the whole Race”. They also value conversation, but in their conversations there are no differences of opinion, and “nothing passed but what was useful, expressed in the fewest and most significant Words”. They practise strict birth control, each couple producing two offspring and thereafter abstaining from sexual intercourse. Their marriages are arranged for them by their elders, on eugenic principles, and their language contains no word for “love”, in the sexual sense. When somebody dies they carry on exactly as before, without feeling any grief. It will be seen that their aim is to be as like a corpse as is possible while retaining physical life. One or two of their characteristics, it is true, do not seem to be strictly “reasonable” in their own usage of the word. Thus, they place a great value not only on physical hardihood but on athleticism, and they are devoted to poetry. But these exceptions may be less arbitrary than they seem. Swift probably emphasizes the physical strength of the Houyhnhnms in order to make clear that they could never be conquered by the hated human race, while a taste for poetry may figure among their qualities because poetry appeared to Swift as the antithesis of Science, from his point of view the most useless of all pursuits. In Part III he names “Imagination, Fancy, and Invention” as desirable faculties in which the Laputan mathematicians (in spite of their love of music) were wholly lacking. One must remember that although Swift was an admirable writer of comic verse, the kind of poetry he thought valuable would probably be didactic poetry. The poetry of the Houyhnhnms, he says:

must be allowed to excel (that of) all other Mortals; wherein the Justness of their Similes, and the Minuteness, as well as exactness, of their Descriptions, are, indeed, inimitable. Their Verses abound very much in both of these; and usually contain either some exalted Notions of Friendship and Benevolence, or the Praises of those who were Victors in Races, and other bodily Exercises.

Alas, not even the genius of Swift was equal to producing a specimen by which we could judge the poetry of the Houyhnhnms. But it sounds as though it were chilly stuff (in heroic couplets, presumably), and not seriously in conflict with the principles of “Reason”.

Happiness is notoriously difficult to describe, and pictures of a just and well-ordered Society are seldom either attractive or convincing. Most creators of “favourable” Utopias, however, are concerned to show what life could be like if it were lived more fully. Swift advocates a simple refusal of life, justifying this by the claim that “Reason” consists in thwarting your instincts. The Houyhnhnms, creatures without a history, continue for generation after generation to live prudently, maintaining their population at exactly the same level, avoiding all passion, suffering from no diseases, meeting death indifferently, training up their young in the same principles—and all for what? In order that the same process may continue indefinitely. The notions that life here and now is worth living, or that it could be made worth living, or that it must be sacrificed for some future good, are all absent. The dreary world of the Houyhnhnms was about as good a Utopia as Swift could construct, granting that he neither believed in a “next world” nor could get any pleasure out of certain normal activities. But it is not really set up as something desirable in itself, but as the justification for another attack on humanity. The aim, as usual, is to humiliate Man by reminding him that he is weak and ridiculous, and above all that he stinks; and the ultimate motive, probably, is a kind of envy, the envy of the ghost for the living, of the man who knows he cannot be happy for the others who—so he fears—may be a little happier than himself. The political expression of such an outlook must be either reactionary or nihilistic, because the person who holds it will want to prevent Society from developing in some direction in which his pessimism may be cheated. One can do this either by blowing everything to pieces, or by averting social change. Swift ultimately blew everything to pieces in the only way that was feasible before the atomic bomb—that is, he went mad—but, as I have tried to show, his political aims were on the whole reactionary ones.

From what I have written it may have seemed that I am against Swift, and that my object is to refute him and even to belittle him. In a political and moral sense I am against him, so far as I understand him. Yet curiously enough he is one of the writers I admire with least reserve, and *Gulliver’s Travels*, in particular, is a book which it seems impossible for me to grow tired of. I read it first when I was eight—one day short of eight, to be exact, for I stole and furtively read the copy which was to be given me next day on my eighth birthday—and I have certainly not read it less than half a dozen times since. Its fascination seems inexhaustible. If I had to make a list of six

books which were to be preserved when all others were destroyed, I would certainly put Gulliver's Travels among them. This raises the question: what is the relationship between agreement with a writer's opinions, and enjoyment of his work?

If one is capable of intellectual detachment, one can perceive merit in a writer whom one deeply disagrees with, but enjoyment is a different matter. Supposing that there is such a thing as good or bad art, then the goodness or badness must reside in the work of art itself—not independently of the observer, indeed, but independently of the mood of the observer. In one sense, therefore, it cannot be true that a poem is good on Monday and bad on Tuesday. But if one judges the poem by the appreciation it arouses, then it can certainly be true, because appreciation, or enjoyment, is a subjective condition which cannot be commanded. For a great deal of his waking life, even the most cultivated person has no aesthetic feelings whatever, and the power to have aesthetic feelings is very easily destroyed. When you are frightened, or hungry, or are suffering from toothache or sea-sickness, King Lear is no better from your point of view than Peter Pan. You may know in an intellectual sense that it is better, but that is simply a fact which you remember: you will not feel the merit of King Lear until you are normal again. And aesthetic judgement can be upset just as disastrously—more disastrously, because the cause is less readily recognized—by political or moral disagreement. If a book angers, wounds or alarms you, then you will not enjoy it, whatever its merits may be. If it seems to you a really pernicious book, likely to influence other people in some undesirable way, then you will probably construct an aesthetic theory to show that it has no merits. Current literary criticism consists quite largely of this kind of dodging to and fro between two sets of standards. And yet the opposite process can also happen: enjoyment can overwhelm disapproval, even though one clearly recognizes that one is enjoying something inimical. Swift, whose world-view is so peculiarly unacceptable, but who is nevertheless an extremely popular writer, is a good instance of this. Why is it that we don't mind being called Yahoos, although firmly convinced that we are not Yahoos?

It is not enough to make the usual answer that of course Swift was wrong, in fact he was insane, but he was "a good writer". It is true that the literary quality of a book is to some small extent separable from its subject-matter. Some people have a native gift for using words, as some people have a

naturally “good eye” at games. It is largely a question of timing and of instinctively knowing how much emphasis to use. As an example near at hand, look back at the passage I quoted earlier, starting “In the Kingdom of Tribnia, by the Natives called Langdon”. It derives much of its force from the final sentence: “And this is the anagram-made Method.” Strictly speaking this sentence is unnecessary, for we have already seen the anagram decyphered, but the mock-solemn repetition, in which one seems to hear Swift’s own voice uttering the words, drives home the idiocy of the activities described, like the final tap to a nail. But not all the power and simplicity of Swift’s prose, nor the imaginative effort that has been able to make not one but a whole series of impossible worlds more credible than the majority of history books—none of this would enable us to enjoy Swift if his world-view were truly wounding or shocking. Millions of people, in many countries, must have enjoyed *Gulliver’s Travels* while more or less seeing its anti-human implications: and even the child who accepts Parts i and ii as a simple story gets a sense of absurdity from thinking of human beings six inches high. The explanation must be that Swift’s world-view is felt to be not altogether false—or it would probably be more accurate to say, not false all the time. Swift is a diseased writer. He remains permanently in a depressed mood which in most people is only intermittent, rather as though someone suffering from jaundice or the after-effects of influenza should have the energy to write books. But we all know that mood, and something in us responds to the expression of it. Take, for instance, one of his most characteristic works, *The Lady’s Dressing Room*: one might add the kindred poem, *Upon a Beautiful Young Nymph Going to Bed*. Which is truer, the viewpoint expressed in these poems, or the viewpoint implied in Blake’s phrase, “The naked female human form divine”? No doubt Blake is nearer the truth, and yet who can fail to feel a sort of pleasure in seeing that fraud, feminine delicacy, exploded for once? Swift falsifies his picture of the world by refusing to see anything in human life except dirt, folly and wickedness, but the part which he abstracts from the whole does exist, and it is something which we all know about while shrinking from mentioning it. Part of our minds—in any normal person it is the dominant part—believes that man is a noble animal and life is worth living: but there is also a sort of inner self which at least intermittently stands aghast at the horror of existence. In the queerest way, pleasure and disgust are linked together. The human body is beautiful: it is also repulsive and ridiculous, a fact which can be verified at

any swimming pool. The sexual organs are objects of desire and also of loathing, so much so that in many languages, if not in all languages, their names are used as words of abuse. Meat is delicious, but a butcher's shop makes one feel sick: and indeed all our food springs ultimately from dung and dead bodies, the two things which of all others seem to us the most horrible. A child, when it is past the infantile stage but still looking at the world with fresh eyes, is moved by horror almost as often as by wonder—horror of snot and spittle, of the dogs' excrement on the pavement, the dying toad full of maggots, the sweaty smell of grown-ups, the hideousness of old men, with their bald heads and bulbous noses. In his endless harping on disease, dirt and deformity, Swift is not actually inventing anything, he is merely leaving something out. Human behaviour, too, especially in politics, is as he describes it, although it contains other more important factors which he refuses to admit. So far as we can see, both horror and pain are necessary to the continuance of life on this planet, and it is therefore open to pessimists like Swift to say: "If horror and pain must always be with us, how can life be significantly improved?" His attitude is in effect the Christian attitude, minus the bribe of a "next world"—which, however, probably has less hold upon the minds of believers than the conviction that this world is a vale of tears and the grave is a place of rest. It is, I am certain, a wrong attitude, and one which could have harmful effects upon behaviour; but something in us responds to it, as it responds to the gloomy words of the burial service and the sweetish smell of corpses in a country church.

It is often argued, at least by people who admit the importance of subject-matter, that a book cannot be "good" if it expresses a palpably false view of life. We are told that in our own age, for instance, any book that has genuine literary merit will also be more or less "progressive" in tendency. This ignores the fact that throughout history a similar struggle between progress and reaction has been raging, and that the best books of any one age have always been written from several different viewpoints, some of them palpably more false than others. In so far as a writer is a propagandist, the most one can ask of him is that he shall genuinely believe in what he is saying, and that it shall not be something blazingly silly. To-day, for example, one can imagine a good book being written by a Catholic, a Communist, a Fascist, pacifist, an anarchist, perhaps by an old-style Liberal or an ordinary Conservative: one cannot imagine a good book being written by a spiritualist, a Buchmanite or a member of the Ku-Klux-Klan. The views

that a writer holds must be compatible with sanity, in the medical sense, and with the power of continuous thought: beyond that what we ask of him is talent, which is probably another name for conviction. Swift did not possess ordinary wisdom, but he did possess a terrible intensity of vision, capable of picking out a single hidden truth and then magnifying it and distorting it. The durability of *Gulliver's Travels* goes to show that, if the force of belief is behind it, a world-view which only just passes the test of sanity is sufficient to produce a great work of art.

Polemic, 1946



Notas:

1 An interesting illustration of this is the way in which the English flower names which were in use till very recently are being ousted by Greek ones, snapdragon becoming *antirrhinum*, forget-me-not becoming *myosotis*, etc. It is hard to see any practical reason for this change of fashion: it is probably due to an instinctive turning-away from the more homely word and a vague feeling that the Greek word is scientific. (Author's footnote.)

2 Example: "Comfort's catholicity of perception and image, strangely Whitmanesque in range, almost the exact opposite in aesthetic compulsion, continues to evoke that trembling atmospheric accumulative hinting at a cruel, an inexorably serene timelessness... Wrey Gardiner scores by aiming at simple bulls-eyes with precision. Only they are not so simple, and through this contented sadness runs more than the surface bittersweet of resignation." (Poetry Quarterly.) (Author's footnote.)

3 One can cure oneself of the not 'un-' formation by memorizing this sentence: a not unblack dog was chasing a not unsmall rabbit across a not ungreen field. (Author's footnote.)

4 Houyhnhnms too old to walk are described as being carried on "sledges" or in "a kind of vehicle, drawn like a sledge". Presumably these had no wheels. (Author's note.)

5 The physical decadence which Swift claims to have observed may have been a reality at that date. He attributes it to syphilis, which was a new disease in Europe and may have been more virulent than it is now. Distilled liquors, also, were a novelty in the seventeenth century and must have led at first to a great increase in drunkenness. (Author's footnote.)

6 At the end of the book, as typical specimens of human folly and viciousness, Swift names "a Lawyer, a Pickpocket, a Colonel, a Fool, a Lord, a Gamester, a Politician, a Whore-master, a Physician, an Evidence, a Suborner, an Attorney, a Traitor, or the like". One sees here the irresponsible violence of the powerless. The list lumps together those who break the conventional code, and those

who keep it. For instance, if you automatically condemn a colonel, as such, on what grounds do you condemn a traitor? Or again, if you want to suppress pickpockets, you must have laws, which means that you must have lawyers. But the whole closing passage, in which the hatred is so authentic, and the reason given for it so inadequate, is somehow unconvincing. One has the feeling that personal animosity is at work. (Author's footnote.)

Bônus

Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguintes estão a primeira carta do [Volume I](#) e do [Volume II](#), aproveite.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

Obras [filosóficas de Sêneca](#):

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- [Sêneca, Vida e Filosofia](#) por Francis Holland.

Obras [Filosóficas](#)

- [Fascismo e Democracia](#) por *George Orwell*
- [Por que Escrevo](#) por *George Orwell*
- [Meditações de Marco Aurélio](#)
- [Discurso da Servidão Voluntária](#) por *Étienne de La Boétie*
- [Fascismo e Democracia](#) por *George Orwell*
- [A Vida Intelectual](#) por *Antonin-Dalmace Sertillanges*
- [A Arte de ter Razão](#) por *Arthur Schopenhauer*
- [Estoicismo, Guia Definitivo](#) por *St. George Stock*
- [Ciropédia](#) por *Xenofonte*
- [Utopia](#) por *Thomas More*
- [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) por *Diógenes Laércio*
- [Andar a Pé](#) por *Henry David Thoreau*
- [Carta a Meneceu sobre a felicidade](#) por *Epicuro*
- [Epicuro, Cartas e Princípios](#) por *Epicuro*
- [O Dever do Advogado](#) por *Ruy Barbosa*
- [Os Sermões](#) por *Padre António Vieira*



I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio: liberte-se por conta própria; poupe e aproveite seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você ou furtado ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras: que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquele devido ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não deveríamos fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloca algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. **Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse.** Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou

desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos a miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho.¹ Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.



Notas:

¹ Tradução, por Sêneca, de frase célebre de Hesíodo

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que eu acrescente que ele é um homem velho. Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara. Ou talvez foi porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos e, por desprezar seu próprio corpo, chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa

gratior et pulchro veniens e corpore virtus. ²³⁸

está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la, é sua própria glória e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente: ele parece-me simpático e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Assim como um grande homem pode nascer em um casebre, pode também uma linda e grande alma nascer em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com o objetivo de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas puras e nuas, desprovidas de corpo, ela o teria feito. Como é, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução de qualquer obstáculo.

4. Creio que Clarano foi produzido como um exemplo, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu termos passado muito poucos dias juntos, tivemos muitas conversas, as quais vou em seguida verter e transmitir a você.

5. No primeiro dia investigamos esse problema: como todos os bens podem ser iguais sendo tríplice a respectiva natureza?²³⁹ Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estes tipos de bens serem iguais quando os comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Sumo Bem e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, uma alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e às lisonjas, não cedendo a nenhum dos extremos da Fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, uma alma que força alguma pode vergar ou destruir, uma que o acaso não pode exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria personificação da virtude.

7. Esta seria sua aparência externa, se viesse sob um único aspecto e mostrasse uma vez só toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Sumo Bem não pode diminuir nem a virtude retroceder. Em vez disso, a virtude é transformada, agora em uma qualidade e depois em outra, moldando-se de acordo com a função que está desempenhando.

8. Tudo o que ela toca leva à semelhança consigo mesma e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras onde entrou e pôs em ordem pela harmonia. Seja o que for que tenha tocado, imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não

encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade e nada mais moderado do que a moderação.

9. Toda virtude é ilimitada, pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessário que ela tivesse alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição, pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo e que elas são mantidas dentro de limites fixos? **A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.**

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. O interesse privado e o interesse público estão juntos; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais e assim são as obras da virtude e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam e elas afundam novamente e por isso não são avaliadas ao mesmo valor, mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua Fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas, a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas. Consequentemente também não existe nenhuma distinção entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes, pois em ambas situações há a mesma grandeza de alma; descontraída e alegre em um caso e combativa e pronta para a ação no outro.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual a daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Houve grandeza em Cipião quando seu comando pôs cerco a

Numância e o cingiu de tal forma que obrigou homens até então invencíveis à autodestruição. Mas grandes também são as almas dos defensores sitiados ao perceberem que não está realmente cercado quem é livre para morrer e, por isso mesmo, morrem abraçados à liberdade.²⁴⁰ Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude, a qual proporciona à alma a retidão e a constância de propósitos.

14. “*O que então*”, você diz, “*não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?*” De forma alguma, não em relação às próprias virtudes, muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma, no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata. Se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude, se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, quando nenhum deles pode ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E por que? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo e ele perde sua melhor característica: auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado, pois medo significa escravidão.

17. O bem moral está totalmente livre da ansiedade e é calmo, se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável ele

não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato virtuoso é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: “*Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?*” Poderia dizer em resposta: “*Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris,*²⁴¹ *clamará: é agradável e não me preocupa em absoluto*”. Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?

19. Mas a resposta que eu dou é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificadas por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, também a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abrandando todas as dores, aborrecimentos e erros. Onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato de que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre. Mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer, desempenhando tão prontamente uma ação honrosa quanto se estivesse na presença de um homem bom; ele considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem de bem que é pobre, doente ou desaproveitado no exílio.

22. Agora, compare um homem de bem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas: eles serão igualmente bons, embora experimentem Fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens. A virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como se em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais se a Fortuna a favorecer concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a Fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a Fortuna tem influência - bens materiais, dinheiro, posses, posição - são fracas, inconstantes, propensas a perecer e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de serem procuradas quando a Fortuna as trata com bondade, nem menos dignas quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade, no caso dos homens, corresponde à desejabilidade, no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego. Gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são essenciais, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente. Aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de

Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque ela é grande, ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade àqueles que encontram dificuldades. Pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição aos filhos por quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. De duas coisas iguais a uma terceira você não poderá dizer que uma delas é "mais igual" do que a outra! Por isso mesmo nada pode haver de mais moral do que a própria moralidade.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades. Os bens verdadeiros têm o mesmo peso e o mesmo volume. O tipo espúrio contém muito vazio, quando são pesados, percebemos sua deficiência embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno, fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas. Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas e são bens na opinião da multidão meramente nos encham de alegria vazia. E, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraiam e piquem o espírito: um não é digno de alegria nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apegue a suas decisões. Pois a razão não é escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas às outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e depois mais estreito, agora glorioso e depois inferior, agora múltiplo no alcance e depois limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; de constituição física, uns são belos, outros feios; de condições de vida, este homem é rico, aquele homem é pobre; este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a grande maioria e anônimo. Mas todos, em relação àquilo que importa – serem homens de bem – são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más, eles não sabem o que é útil e o que não é útil.²⁴² Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato. Eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado e eles não sabem o que resulta do que. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida e uma unidade de vida é criada, uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal, o que é estrangeiro e externo, ela considera como escória e o que não é nem bom nem mau, ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente. Estes são, por exemplo, a vitória, filhos honestos e o bem-estar da pátria. Alguns outros considera secundários, estes se tornam manifestos apenas na adversidade, por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes, estes não são mais de acordo com a natureza do que contrários à natureza, como, por exemplo,

um andar discreto e uma postura decente em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes: os primários são de acordo com a natureza, como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. “*O que então*”, você diz; “*alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?*” Claro que não, mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre uma fogueira, aflitos com má saúde, tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. “*O que, então*”, você pergunta, “*é a razão?*” É seguir a natureza. “*E o que*”, você diz, “*é o maior bem que o homem pode possuir?*” É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. “*Não há dúvida*”, diz o opositor, “*que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança. Também não há dúvida de que a saúde que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si. E, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura*”.

41. De modo algum, nada mais falso! Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é se eles estão de acordo com a natureza. E isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito “*A. está mais de acordo com a proposta do que B.*” Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, todas elas estão de acordo

com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice e outro ainda na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, tenha cortado a vida do segundo em sua flor e quebrado a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua sentença na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante conjunção carnal. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada ou levadas à morte por cobras ou esmagadas em um desabamento ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores, pois tem o mesmo limite em todos os casos, o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens. Você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla bem os favores da Fortuna, a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaje em uma estrada plana e fácil e o outro, em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo: eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz iguais entre si todas as coisas que toca.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação.²⁴³ Estes bens, se estiverem completos, não aumentam, pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor, que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma, que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; também um homem, quando cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, tem condição perfeita e atingiu a meta de suas orações se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente

condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem fica satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, muito semelhante com a lista da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; “*E ainda,*” ele disse, “*aquele dia não foi menos feliz.*”²⁴⁴ E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres às que são brandas e sedutoras, e as declararia maiores. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. O homem que dorme em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento pode ser tão corajoso quanto o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas. Mas é para o soldado manchado de sangue e que retorna da frente, que os homens clamam: “*Bem feito, herói!*” E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem e que lutaram contra a Fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Múcio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio,²⁴⁵ desprezando o inimigo e desprezando o fogo e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela Fortuna? Pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. E então? Você diz, “*you desire this good for yourself?*” Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Deveria eu desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti efeminado, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores, terminou a guerra desarmado e mutilado e, com aquele toco de uma mão, ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.



Notas:

²³⁸ NT: Trecho de [Eneida](#), de Virgílio, V, 334. O sentido da palavra “*virtus*” no texto de Virgílio não é virtude, mas sim coragem física, valor.

²³⁹ Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

²⁴⁰ NT: O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade

e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

241 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima em seu interior, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

242 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

243 NT: Ver [Epicuro, Cartas e Princípios](#)

244 NT: Ver Diógenes Laércio, [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#), livro X.

245 Caio Múcio Cévola (em latim: *Gaius Mucius Scaevola*). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: “Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!”. Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.